

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

Letícia Mendes Perez Reche

AS MÚLTIPLAS FACES DO ESPELHO:
uma análise da obra *Mulher no espelho*, de Helena Parente Cunha

Porto Alegre

2017

LETÍCIA MENDES PEREZ RECHE

AS MÚLTIPLAS FACES DO ESPELHO:

uma análise da obra *Mulher no espelho*, de Helena Parente Cunha

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Professora Dra. Cinara Ferreira Pavani

Porto Alegre

2017

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Cinara, por todas as nossas conversas instigantes, permeadas pelo aroma de café. Pela compreensão em diversos momentos e por ter me guiado através de tantas leituras e possibilidades, sempre abrindo portas e me permitindo escrever livremente.

À minha banca, por ter aceitado o convite para fazer parte deste momento importante e decisivo da conclusão da minha graduação. Ana e Marlova, vocês são muito inspiradoras.

Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e me motivaram a seguir adiante. Por influência total de vocês me apaixonei pelas Letras, comecei a ler e nunca mais parei. Onde quer que eu vá, levarei vocês comigo. Obrigada pela vida.

Mamãe, tu és o meu porto seguro. O meu maior exemplo de mulher. Admiro a tua dedicação aos estudos e o quanto tu valorizas cada oportunidade. Se um dia eu for ao menos um pouquinho do que tu és, já estarei muito realizada. Obrigada por ser essa guerreira incansável.

Papai, tu sempre foste o maior crítico das minhas escritas, assim como um dos maiores entusiastas delas. Obrigada por cada “isso ainda pode ficar melhor”, assim fui me aperfeiçoando e nunca me contentando apenas com a primeira versão.

Ao Gustavo, meu amor, que sempre me apoia e me estimula a ir mais longe. Lembro sempre de todos os muitos sorrisos que tu colocas no meu rosto, especialmente durante o processo de escrita deste trabalho, quando tudo o que eu via diante dos espelhos era somente olheiras e cansaço. Obrigada pela paciência neste período de ausências e por ser sempre o dono do abraço onde eu me perco.

À minha bisavó materna, Alice (*in memoriam*), que nunca aprendeu a ler e nem a escrever. Bisa, vou escrever por nós duas.

À minha avó materna, Maria Heloísa, que sempre foi uma grande leitora e passou para a minha mãe essa paixão. Obrigada pelo olhar amoroso e cheio de orgulho.

Ao meu avô materno, Aldaí, por todas as longas conversas cheias de sabedoria e por me ensinar a ser incansável em busca dos meus objetivos.

À minha bisavó paterna, Isabel (*in memoriam*), que foi autodidata, com muita motivação própria aprendeu sozinha a ler e a escrever, grande inspiração.

À minha avó paterna, Nuria, que descobriu o gosto pela literatura, especialmente por Gabriel García Márquez, depois dos 80 anos e deixou esta jovem professora de literatura cheia de orgulho a cada obra devorada. Obrigada pelas conversas amorosas e divertidas em meio à escrita deste trabalho.

Ao meu avô paterno, Vicente, o Yeyê (*in memoriam*), que me ensinou a não ter medo de nada e garantiu que eu sempre seria feliz, já percebi que ele estava certo.

À Teresinha, outra mãe que ganhei da vida, por todas as nossas longas e apaixonadas conversas sobre educação. Tu és uma grande inspiração no meu caminho. Obrigada por estar sempre por perto.

À Bruna, por ter me convidado para ser tua colega como professora de Literatura no Pré-Vestibular Popular Dandara dos Palmares. Obrigada pela nossa linda experiência e pela compreensão quando as coisas começaram a ficar um pouco pesadas. Estamos juntas nesse caminho de luta pela literatura e pela educação popular.

À Daniela, pelos sorrisos sempre largos, pelos desafios enfrentados e por todo carinho ao longo de toda a graduação e além dela. Tu és a minha irmã-gêmea nascida em outra família com quem eu tenho a felicidade de compartilhar tantos momentos desta vida. Obrigada pela parceria incrível que nós formamos.

À Emanuelle, pelos nossos fortes laços de amizade, que neste ano completam dez anos de muito amor compartilhado, sintonia bem afiada e das muitas dores nas bochechas por conta de tantas boas gargalhadas. Obrigada por tudo o que já vivemos e que a nossa luz jamais se apague.

À Gabrielle, por ser essa amiga-irmã com quem já dividi tantas experiências, juntas começamos nossas carreiras como professoras e juntas continuaremos tentando melhorar o mundo através da educação. Obrigada por ser minha revisora e braço direito, pelo carinho imensurável e pela união das nossas forças em todas as horas.

Ao Dêner, por ser esse amigo imprescindível nos meus dias, pela amizade forte e bonita que construímos e pelas nossas referências literárias, nerds e musicais que tanto permearam os nossos assuntos mais profundos. Obrigada pelas nossas sempre divertidas e lindas conversas, das quais sempre saio mais leve e tendo um olhar mais otimista sobre a vida e sobre a licenciatura, tu és um grande exemplo para mim.

À Márcia Ivana, pela amizade que construímos em todos esses anos de muitos sorrisos, por tudo o que aprendi e continuo aprendendo contigo, dentro e fora da sala de aula. Obrigada pela tua leveza de ser que me contagia tanto e me lembra que a vida pode ser muito mais prazerosa do que pode parecer em alguns momentos.

À Marlova, por me dar a honra de estar ao meu lado em mais este momento marcante na vida, minha amiga. É incrível lembrar como o Universo nos uniu através dessa paixão que é a literatura, não conseguimos o autógrafo do Mia Couto, mas ganhamos a nossa amizade, que vale infinitamente mais. Obrigada por todas as nossas conversas, pela nossa ligação única, por estar sempre ao meu lado e pelo carinho infindável.

À Gurizada, por todos os anos da nossa forte amizade, por estarmos sempre unidos, estamos crescendo juntos e sei que podemos sempre contar uns com os outros. Obrigada pelas nossas conversas mais profundas e filosóficas e também pelo mais puro riso solto, com vocês os dias fluem mais fácil. Vida longa aos nossos sonhos e projetos.

Aos Los Chulis, pela nossa linda amizade nascida dessa língua maravilhosa que é o espanhol. Obrigada pela energia vibrante que compartilhamos quando estamos todos juntos, pelo carinho e parceria que só aumenta a cada ano, rompendo até mesmo as barreiras da distância. ¡Deseo el mundo para nosotros!

Aos alunos do Dandara dos Palmares, com vocês estou aprendendo o verdadeiro significado do que é ser professora e está sendo maravilhoso. Obrigada por todas as vezes em que me perguntaram “e aí, sora, como anda o TCC?”, brinquei muito que essa sigla “não devia ser nomeada”, mas confesso que adorei todo o apoio recheado de bom humor. Vocês são incríveis!

*“Mas é preciso ter manha
é preciso ter graça,
é preciso ter sonho sempre.
Quem traz na pele
essa marca,
possui a estranha mania
de ter fé na vida.”*

(Milton Nascimento)

RESUMO

O presente trabalho analisa a obra *Mulher no espelho* (1985), de autoria da escritora baiana Helena Parente Cunha, tendo como objetivo verificar a existência do duplo feminino constituído pela protagonista, a Mulher no espelho, e sua antagonista, a Mulher que escreve. A forma como essa relação desenvolve-se é analisada a partir do objeto espelho, sendo ele o fio condutor de toda a narrativa e o espaço de encontro entre as personagens. A metodologia utilizada foi o procedimento analítico e interpretativo, pelo qual foram examinados os episódios em que as personagens interagem entre si, interferindo diretamente no rumo dos acontecimentos da ficção. A temática do duplo é vista a partir de autores como Otto Rank, Sigmund Freud e Clement Rosset, e a questão do espelho é tratada segundo as considerações de Michel Foucault. A obra situada na década de 70 ainda apresenta, como denúncia social, as ideias do patriarcado vigorando de maneira opressora sobre as mulheres da época. As autoras Constância Lima Duarte, Rosiska Darcy de Oliveira e Regina Dalcastagnè iluminam a breve discussão final desta produção.

Palavras-chave: Duplo feminino, espelho, autoria feminina, literatura contemporânea.

ABSTRACT

This work brings the analysis of the novel *Woman between mirrors* (1985), written by the Bahian author Helena Parente Cunha. Its objective is to verify the existence of the female double constituted by the protagonist, the Woman in the mirror, and her antagonist, the Woman who writes. The way that the relation is developed is analyzed from the mirror, which is the guide of all the narrative and the meeting point between characters. The methodology used in this paper was the analytical and interpretative procedure, in which the characters interact with each other were analyzed, directly interfering in the plot. The theme of the double is discussed through authors as Clement Rosset, Otto Rank and Sigmund Freud, and the mirror point is discussed according to Foucault's ideas. The work is situated in the 70's, it presents, as a social denounce, the patriarchal ideas that were strongly prevailing on women's lives in that period. The authors Constância Lima Duarte, Rosiska Darcy de Oliveira and Regina Dalcastagnè illuminate the brief final discussion of this production.

Keywords: The female double, mirror, female authorship, contemporary literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS	13
2.1 Breve biografia	13
2.2 Publicações e premiações.....	14
3 SOBRE A OBRA: MULHER NO ESPELHO.....	16
4 UMA REFLEXÃO SOBRE AQUELE QUE TUDO REFLETE: AS MULTIPLICIDADES DO ESPELHO	21
4.1 História do espelho e algumas simbologias	21
4.2 A presença do espelho na literatura.....	22
4.3 O espelho por Helena Parente Cunha	27
5 ANÁLISE DA OBRA PELO VIÉS DO DUPLO ESPECULAR	31
5.1 O duplo feminino	32
5.2 Questionamentos	39
5.3 A faísca para uma grande mudança	40
5.4 A narrativa espelhada e as mulheres invertidas	44
5.5 A hipocrisia sem disfarces	49
5.6 Encontro final das mulheres e o desfecho da obra	51
6 O UNIVERSO MASCULINO AUTORITÁRIO NA OBRA E FORA DELA.....	54
6.1 O apagamento feminino e a literatura	59
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS.....	65

1 INTRODUÇÃO

Primeiro poema

*O primeiro verso é o mais difícil
o leitor está à porta
não sabe ainda se entra
ou só espia
se se lança ao livro
ou finalmente encara
o dia
o dia: contas a pagar
correspondência atrasada
congestionamentos
xícaras sujas
aqui ao menos não encontrarás,
leitor,
xícaras sujas*

(Ana Martins Marques)

Este texto teve início muito antes de começar a ser escrito. Durante a primeira leitura da obra *Mulher no espelho* (1985), algo no meu interior dizia que após terminada, eu não poderia simplesmente fechar o livro e devolvê-lo à estante, pois aquela narrativa era inquietante, e a desordem de sentimentos que me atingia não podia ser ignorada. Após muitas leituras e releituras, a existência dos espelhos para além de um mero objeto, sendo uma parte importante da obra, chamou a minha atenção e, aos poucos, fui recordando muitas importantes obras literárias, nas quais os espelhos também modificavam os rumos da ficção. No caso do romance de Helena Parente Cunha, os espelhos são um espaço a ser habitado pela protagonista, *Mulher no espelho*, e pela sua antagonista, a *Mulher que escreve*. Através do espelho as personagens analisam-se mutuamente, reconhecem-se, e os eventos entre elas acabam alcançando diferentes desenrolares.

Ao refletir sobre os espelhos, lembrei-me da minha infância, na qual esse objeto tanto me fascinou e múltiplas brincadeiras foram vividas em frente a um espelho fixo na penteadeira do quarto da minha avó ou com um pequeno espelho nas mãos (mais de uma vez essas brincadeiras não acabaram bem e uma promessa de sete anos de azar recaía sobre o meu destino ainda tão jovem). Para mim, o reflexo do mundo em que eu vivia era a amplitude para um novo, eu ansiava por desbravar as inúmeras aventuras que imaginava no espaço que havia do outro lado. Cresci, porém, o fascínio que sempre tive pelos espelhos continuou firme, tanto que

foi a partir desse tema, associado à literatura de autoria feminina, que decidi iniciar os meus estudos a respeito da obra *Mulher no espelho* (1985).

A minha investigação tem como objetivo verificar a existência do duplo feminino entre a protagonista e a antagonista da narrativa. Havendo a confirmação da ocorrência desse vínculo psicológico entre essas mulheres, desejo observar como ocorre o relacionamento entre elas e qual é a relação dos espelhos em meio a essa situação. Tratando-se de literatura de autoria feminina, acredito ser fundamental ressaltar a questão da opressão feminina vivida pelas mulheres na obra, retratando a sociedade patriarcal dos anos 70.

O referencial teórico está dividido em duas partes. A primeira resgata a temática do duplo, em que trago os estudos de Clément Rosset, Otto Rank e Sigmund Freud. E, na segunda, há a invisibilidade da mulher na sociedade e nos meios literários, em que conto com as formulações de Constância Lima Duarte, Rosiska Darcy de Oliveira e Regina Dalcastagnè.

Meu estudo está dividido em seis partes: o segundo capítulo, logo após esta introdução, apresenta os dados biobibliográficos da autora. O terceiro capítulo trata, de modo geral, da forma com que se estabelece a obra e resumidamente há uma descrição das personagens, para melhor compreensão do leitor. O quarto capítulo aborda o tema dos espelhos sob diferentes perspectivas. Primeiramente, trago uma breve história do espelho, o local onde foram encontrados os primeiros artefatos e seus usos, entre outras informações; posteriormente, explico algumas simbologias das tradições ocidentais e orientais relacionadas a esse objeto e, por fim, há alguns exemplos de títulos literários do cenário internacional e nacional que contam com esse objeto em suas narrativas, apontando diferentes representações e funções em cada situação. Um espelho, na maioria das vezes, não é apenas um espelho ao surgir na literatura. O quinto capítulo é a análise do recorte que faço da obra, no qual utilizo a metodologia analítica interpretativa para examinar os excertos em que a *Mulher no espelho* e a *Mulher que escreve* interagem entre si. Desse modo, é possível averiguar a existência do duplo nessa relação e refletir acerca das amplas possibilidades que existem nessa narrativa. E no capítulo seis, o capítulo final, abordo o tratamento negativamente diferenciado que as mulheres recebem, seja no âmbito particular e familiar, seja no âmbito social e profissional como, por exemplo, a relação das mulheres e o meio literário.

Assim, a literatura é abordada nesta pesquisa como forma de reconhecimento da sociedade e de seus problemas representados através da ficção. Acredito que a partir das letras, poderemos ter possíveis soluções para essas situações que veremos ao longo da análise da obra. E para que tais mudanças sejam alcançadas, penso que seja necessário encarar a sexta arte com a mesma seriedade com a qual são vistas as ciências exatas.

Ao longo da leitura de *Mulher no espelho* e da escrita deste trabalho, a menina que antigamente brincava com espelhos foi despertada e com ela surge o desejo de ver a literatura não apenas retratar a sociedade como se encontra hoje, mas que ela seja o ponto de partida para discutirmos acerca das possibilidades para a criação de novas realidades. Nessa perspectiva, trago as palavras da grande escritora brasileira Lygia Fagundes Telles (1996) que reflete sobre a sua escrita e na qual reconheço muito dos objetivos da minha própria:

Se eu puder ajudar o meu próximo, no seu sofrimento, no seu medo, na sua luta, que é a minha luta também e que é o meu medo e que também é o meu sofrimento. Se eu puder ajudar o outro com esta palavra, missão cumprida. [...]

2 DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS

2.1 Breve biografia

Cualquier destino,
por largo y complicado que sea,
consta en realidad de un solo momento:
el momento en que
el hombre sabe
para siempre
quién es

(Jorge Luís Borges)

Helena Gomes Parente Cunha nasceu em Salvador (BA) em 13 de outubro de 1930. Aos dezenove anos, ingressou na Universidade Federal da Bahia – UFBA, como graduanda em Letras Neolatinas, concluindo o curso em 1952. Dois anos após o término de sua graduação, Helena¹ viajou para Perúgia, Itália, para realizar sua especialização em Língua e Literatura Italiana na Università Italiana Per Stranieri, com bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Em 1956, iniciou no ramo da tradução sendo responsável pela obra *A educação da criança difícil*, do psicólogo italiano Dino Origlia. Posteriormente trabalhou como tradutora de outros autores como Pirandello, Boris Pasternak, Abraham Moles, Hans Enzensberger, entre outros.

Em 1958, Helena casou-se e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde, em 1969, iniciou seus estudos na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, concluindo em 1972 o mestrado em Teoria Literária. Entre 1974 e 1976, realizou o doutorado na mesma área, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Em final de 1976, tem a experiência de livre-docência na UFRJ e, entre os anos de 1979 e 1984, torna-se professora adjunta do Departamento de Ciência da Literatura, estreitando seus laços com a universidade no final de 1984, ao elevar o nível do seu cargo para professora titular. Entre 1992 e 1994, realiza seu pós-doutorado na mesma instituição em que trabalha. Helena carrega também em seu currículo diferentes especializações no campo da Teoria Literária em universidades brasileiras e algumas especializações na área da literatura italiana em instituições da Itália.

¹ Optou-se neste trabalho por referir-se à autora pelo primeiro nome para reforçar a questão da autoria feminina, visto que, em sociedade, comumente os homens é que são citados através de seu último sobrenome, neste caso “Cunha”.

Helena aposentou-se como Professora Emérita do Curso de Letras da UFRJ em agosto de 1997 e, desde então, ministra aulas e cursos de extensão regulares no programa de pós-graduação em Ciência da Literatura. E ainda participa dos seguintes conselhos editoriais: Verbo de Minas (1516-0637), – Terra Roxa e Outras Terras (1678-2054), – Revista Letra (Rio de Janeiro) (1806-5333), – Temas em Comunicação e Cultura Contemporânea II, Quinto Império (Salvador) (1415-1758) e Revista Ipotesi (Juiz de Fora).

2.2 Publicações e premiações

*Vim para por ordem na classe
Se esforçaram pra que eu me calasse
Duvidaram que eu disseminasse
Maria Bonita, Anitta, Dandara e Candace
Se fiz minha prece, tomei um passe
Eu vim do cangaço, então não dê mais um passo
Para dizer o que eu posso, eu vou lá e faço
E quando eu faço eles dizem que foi fácil.*

(Lívia Cruz)

Em meio a tantos compromissos com seus estudos e sua atuação profissional e acadêmica, Helena ainda encontrou tempo e disposição para costurar palavras; segundo seu site oficial, a lista bibliográfica de produções da autora conta com quatro romances, seis livros de poemas, cinco de contos e nove de ensaios, tendo um de seus romances sido traduzido para o inglês e outro para o alemão.

Helena estreia como escritora com o livro de poemas *Corpo no cerco*, pelo qual recebeu em 1965 o primeiro lugar no Concurso de Poesia da Secretaria de Educação e Cultura da Guanabara, sendo publicado somente em 1978. De acordo com Silva (2013), os poemas tratam de um sujeito frustrado e impotente, cerceado por muros externos e internos que impossibilitam o alcance da realização pessoal. A poética heleniana continua com a obra *Maramar*, publicada em 1980.

Em 1978, Helena recebe prêmios por alguns dos contos de sua obra *Os provisórios* no IX Concurso Nacional de Contos da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Paraná.

Seu primeiro livro de ensaios, *Jeremias, a palavra poética: uma leitura de Cassiano Ricardo*, foi publicado em 1979, dando início a uma trajetória de ensaios.

O primeiro romance de Helena, *Mulher no espelho*, venceu o segundo lugar no Concurso Nacional de Romance – Prêmio Cruz e Souza em 1982, sendo

publicado oficialmente um ano depois e, posteriormente traduzido para a língua inglesa. A obra, analisada no presente trabalho, traz questionamentos em torno do papel da mulher na sociedade patriarcal do passado até a época da publicação do livro. Helena traça as características das personagens femininas, seus condicionamentos e impossibilidades, apresentando desde certos pontos de acomodamento até os seus movimentos mais progressistas, perpassando todas as fases da vida dessas mulheres. Essa temática torna-se central novamente no romance *As doze cores do vermelho*, de 1998.

Desde o final da década de 1980, Helena mantém uma produção de pesquisa acerca da representação feminina na literatura e da produção de escritoras brasileiras do século XIX ao início do XXI.

A produção literária de Helena Parente Cunha abarca ainda outras publicações como: Ficção - *Cem mentiras de verdade* (1985); *A casa e as casas* (1996) – Traduzido para o alemão; *Vento ventania vendaval* (1998), *Claras manhãs de barra clara* (2002). Poesia - *O outro lado do dia* (1995), *Poemas para a amiga e outros dizeres* (2014); Ensaaios – *O lírico e o trágico em Leopardi* (1980); *Mulheres inventadas* (1996).

3 SOBRE A OBRA: MULHER NO ESPELHO

*Gosto de ver como as estrias
das minhas coxas são humanas
e como somos tão macias porém
ásperas e selvagens
quando precisamos
adoro isso na gente
como somos capazes de sentir
como não temos medo de romper
e de cuidar das nossas dores com classe
só o fato de ser mulher
dizer que sou
mulher
me faz absolutamente plena
e completa
(Rupi Kaur)*

Mulher no espelho, narrativa publicada em 1985, é um grande baú de memórias, arrependimentos, frustrações, sentimentos conflituosos e desejos contidos de suas personagens.

Helena inicia sua escrita dando voz à “Mulher no espelho”, personagem sem um nome próprio que recebe apenas essa alcunha, é narradora de sua história, está no auge dos seus quarenta e seis anos, casada e com três filhos homens, jovens adultos. A narrativa tem predominância da primeira pessoa, porém tem foco narrativo múltiplo: a voz da Mulher no espelho não é a única a contar a história, ela acaba sendo interpelada inúmeras vezes por uma outra voz, a da “Mulher que escreve”. Esta age sempre como a consciência da primeira, já fez psicanálise, examina todos os fatos contados pela perspectiva psicanalítica, não aceitando a forma de ser e agir da mulher no espelho. Porém, ela não tem o poder de modificar a outra, somente tem a tarefa (nem sempre prazerosa) de escrevê-la. Helena marca as falas da Mulher que escreve pelo uso do recurso textual itálico. Em meio a essas duas mulheres, há ainda a presença da autora, no entanto, ela apenas é referida, pois não aparece como uma personagem na trama:

Quanto à autora, não sei quem é. Não entra na estória. Ou entra? Seremos projeções dos seus fantasmas? Não importa. [...] Garanto que a autora não aceitaria de bom grado participar desta estória. Ela tem veleidades quanto à

sua autonomia. Mas não entra na estória porque eu não quero. Se eu quisesse, ela viria. Mesmo a contragosto (CUNHA, 1985, p.72).

A Mulher no espelho quer manter, desde o início, muito clara a divisão existencial entre as mulheres: “Desde já, se estabeleça a separação. Ela é ela. Eu sou eu. Ela tem seus problemas. Eu tenho os meus. Se existo na imaginação dela, não foi ela que me criou. Fui eu mesma que me fiz. Depois a inventei” (CUNHA, 1985, p.8). Ela deseja ser um indivíduo único sem uma ligação real com a Mulher que escreve, como se a existência ficcional de ambas fosse a única semelhança entre elas. Ao longo da obra, o leitor pode ficar um pouco confuso com tamanha intimidade entre as duas mulheres, questionando como podem saber tanto uma da outra e, ao mesmo tempo, repelirem-se tanto, além de estarem constantemente defendendo sua antiexistência. Porém, a corrente que as prende, a onisciência da vida (presente e passado) de ambas é muito mais forte do que o ego prepotente que não permite que elas admitam que são uma única mulher em frente a um espelho. Por alguns instantes de consciência perante essa unicidade, a Mulher no espelho admite:

Ela é minha criação e não pode se desvencilhar de mim. Nem eu dela. Por mais que discordemos uma da outra, nossa dependência mútua é vital para nós ambas. Meus filhos, de repente são também filhos dela. Ela não sabe. É inacreditável, mas ela não sabe que meus filhos são seus filhos. Quem os gerou fui eu, no amor. Ela os criou no seu inferno e na sua insensatez (CUNHA, 1985, p.28).

É possível que essa tomada de consciência da coexistência de ambas, por parte da Mulher no espelho, só aconteça por conta dos problemas que se somam ao longo da narrativa, pois é mais fácil dividir culpas do que sustentá-las sozinha. A Mulher que escreve jamais consegue olhar para a sua própria história e fazer o seu “mea culpa”, ela somente escreve a história da Mulher no espelho e julga, nunca admitindo que são uma única mulher, uma vez que vê apenas um lado do espelho.

A obra é marcada por digressões e *flashbacks*, de modo que constantemente estamos acompanhando a vida presente da Mulher no espelho e voltamos às suas memórias de infância, o que é fundamental para conhecermos seu passado, pois passamos a compreender melhor algumas escolhas feitas no seu futuro como mulher adulta. Quando criança, a Mulher no espelho foi criada por um pai extremamente repressor, e por vezes violento, e uma mãe muito ausente, que era substituída (não por completo, como é de se imaginar) por sua ama. Quando ainda

era pequena nasceu seu irmãozinho e, após sua chegada, ela sentiu-se ainda mais rejeitada, pois todas as atenções eram voltadas ao pequeno homenzinho da família. Ela somente recebia ordens do que uma menina deveria ou não fazer, recebendo os únicos carinhos e cuidados por parte da ama.

Mais tarde, a Mulher no espelho casa-se com um homem a quem ela é completamente submissa e com ele têm três filhos homens, aos quais ela também se submete cegamente; a esses quatro homens, ela dedica toda sua energia vital e anula a si própria, mesmo não obtendo nenhum tipo de retorno, seja ele afetivo ou alguma forma de gratidão. Pertencente à classe média alta e é casada com esse homem que provê a família, ela não necessita trabalhar e pode dar-se ao luxo de manter-se em casa cuidando de seus filhos. Entende-se que viver desse modo é um privilégio ao se refletir sobre as vivências protegidas dessa mulher que nunca se deparou com um mundo, exterior à sua família, agressivo e desprovido de recursos. Apesar de sofrer a partir de sua própria existência sufocada e repleta de desamor, ela não conhece outra realidade mais dura além da dela própria em uma sociedade como a brasileira, que detém tamanhas variedades de realidades de mulheres que sofrem não somente a partir do gênero, mas também a partir de classes e raças.

A Mulher que escreve não a poupa de críticas e julgamentos. Em parte, parece-nos uma tentativa de tirá-la dessa vida de pacata mulher resignada. No entanto, o tom agressivo e revoltado da escritora não permite que a Mulher no espelho alcance tal compreensão, sentindo-se coagida por tamanha pressão e tomando para si mesma a postura acusativa da outra.

A escritora tem uma postura de vida totalmente inversa a da mulher a que está escrevendo, libertadora, questionadora, dona de sua própria vida e de seu corpo. Para ela não há tabus que não possam ser quebrados, vive sua sexualidade e feminilidade em sua plenitude, é muito prática: não quer se casar, não quer ter filhos, pois é uma mulher livre segundo as visões da época em que a obra se situa. A ideia da liberdade advinda da não geração de filhos surge a partir do exemplo da Mulher no espelho que, por ser mãe de três meninos, não desenvolve nenhum outro papel a não ser o de mãe e esposa. É sabido que muitas mulheres da época, e também em períodos anteriores, mesmo exercendo o papel de mães, seguiam suas obrigações para com os trabalhos, muitas cozinham, faxinavam ou atuavam como lavadeiras, porém, dificilmente essas eram escolhas movidas por um desejo de emancipação feminina ou o desempenho de uma verdadeira vocação. Essas

mulheres se encontravam nessas condições porque a vida e os filhos famintos assim exigiam delas. Dessa forma, é possível compreender que a posição socioeconômica das duas mulheres, na obra, é muito similar, pois uma dedica sua vida exclusivamente às crianças e a outra decide não ter filhos para, assim, viver e escrever em sua totalidade.

O tempo da narrativa é predominantemente psicológico, entretanto, sabemos que a história se passa no final dos anos 70 por conta de uma repreensão feita pela Mulher que escreve à Mulher no espelho dizendo: *“Você não pode continuar a alimentar esta atitude absurda. É preciso ter consciência dos próprios direitos, sobretudo nos dias de hoje, final da década de 70, numa cidade como Salvador [...]”* (CUNHA, 1985, p.16, grifo do autor).

Helena dá um tom muito poético a sua narrativa ao utilizar muito o recurso da sinestesia, especialmente ao tratar do espaço geográfico onde toda a história se passa, a Bahia. Durante a leitura, o leitor passa por uma experiência quase que corpórea, na medida em que a autora nos transporta a Salvador e nos apresenta seu calor, as ruas e as tardes permeadas por cores vivas, a brisa e os sons do mar, os aromas marcantes de manga madura que vêm pela janela:

[...] A janela aberta. O vento que vem do mar. O cheiro de fruta madura. O vento que vem do mar penetrando nos meus poros pela blusa entreaberta. A blusa aberta. A polpa madura dos frutos. O tapete de pele. Não acenda a outra luz. O vento que vem do mar. A onda do mar. Silenciosa e morna. Onda noturna em minhas noites profundas [...] (CUNHA, 1985, p.124).

Havia uma mangueira no terreno da casa em que viveu quando pequena e agora debaixo da janela do seu apartamento de mulher adulta, também há uma mangueira, pequenas coincidências repetidas por Helena, reafirmando a presença do duplo em sua obra.

Da metade para o fim da narrativa, há uma marcação bem determinada de mudança de fatos a partir do qual invertem-se completamente, como num espelho, as atitudes de ambas as personagens. Uma passa a ter os pensamentos e os desejos da outra, incluindo nessa mudança as críticas feitas à forma de conduzir a vida alheia, o que em muitos momentos adquire um caráter de forte hipocrisia em cada uma das personagens. A Mulher no espelho, de frente para o seu espelho, em encontro com a Mulher que escreve, descobre sua verdadeira identidade há tanto tempo escondida. Ela decide tomar as rédeas de sua própria vida e ser quem sempre desejou, libertando-se dos estigmas impostos pelos outros e descobrindo a

fêmea adormecida que havia em si e quer recuperar o tempo perdido em sua abstinência do verdadeiro prazer, o verdadeiro sexo. A Mulher que escreve, por sua vez, percebe que é chegada a hora de tornar-se uma mulher do lar, com um marido e uma vida sossegada, não quer outros parceiros, quer ser o que ela mesma chama de “mulher respeitada”, palavras tão contraditórias ao que sempre pregou contra a Mulher no espelho. Os extremos se encontram, os dois lados de um único espelho tocam-se e invertem-se. Desse modo, Helena trabalha magistralmente com a ambivalência existente em todos nós.

4 UMA REFLEXÃO SOBRE AQUELE QUE TUDO REFLETE: AS MULTIPLICIDADES DO ESPELHO

Me miras
pero soy yo el que ve a través tuyo
Soy el único que te mira a los ojos
El único que está contigo cuando estás solo
El que sabe lo que es estar en tu pellejo
Mírame cuando te hablo, habla tu espejo

(Cuarteto de Nos)

4.1 História do espelho e algumas simbologias

Segundo Enoch (2006), os primeiros espelhos que a humanidade teve contato foram grandes bacias de plácidas águas, formadas pela natureza ou posteriormente criadas através da manufatura. Ao contrário do que muitos pensam, os primeiros objetos especulares não foram encontrados na China, e sim em sepulturas femininas de um cemitério de Anatólia, região da Turquia, entre 6200 e 6000 a.C. Esses espelhos eram feitos de terra e obsidiana polida (uma rocha ígnea extrusiva formada por vidro vulcânico com 70% ou mais de sílica), tinham uma superfície reflexiva arredondada, alguns eram em formato de cone e mediam em torno de 9cm de diâmetro, refletindo imagens não tão definidas como as que temos hoje. Ainda de acordo com Enoch (2006), os egípcios da era Pré-Dinástica, além de fabricar espelhos a partir de determinados tipos de rochas molhadas que produziam um pouco de reflexo, ainda recorriam ao antigo método e preenchiam tigelas de cerâmica com água, sendo iniciado somente após o Antigo Egito o uso de espelhos a partir de pedras polidas e materiais metálicos. Há registros datados de 2050 a.C., encontrados em tumbas e papiros egípcios, de desenhos de pessoas utilizando espelhos.

Ao longo dos séculos, a produção desses objetos foi sendo aprimorada até ser alcançado o método atual, que consiste na sobreposição de finas camadas de alumínio (ou prata) sobre o cristal de vidro, tendo assim seus custos reduzidos e o objeto altamente popularizado.

Enoch (2006) apresenta a visão de que as antigas sociedades tinham os espelhos como símbolos de religião, representando o sol e a lua, servindo também de expressão para o “eu-interior” dos indivíduos da época. Esta última representação persiste através das eras chegando aos dias atuais. Tais significados

também são apontados por Chevalier e Gheerbrant (1986), para quem o espelho é frequentemente associado a um símbolo solar, representando a inteligência celeste, e da mesma forma é associado a um símbolo lunar, na medida em que a lua reflete a luz do sol tal como um espelho. O espelho solar mais popular é do mito japonês *Amaterasu*, em que o espelho faz com que a luz divina saia da caverna e a propague sobre o mundo. Chevalier e Gheerbrant (1986) complementam essa ideia com o simbolismo siberiano, que fala dos dois espelhos celestes (solar e lunar) que refletem o universo, e os xamãs, por sua vez, conseguem captá-lo com o auxílio de um espelho.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1986), além de ser um símbolo celeste e feminino, na China, ele é também uma marca de harmonia e de união conjugal, ao mesmo passo em que o espelho quebrado é a marca da separação. No Taoísmo, o espelho é usado como amuleto contra forças maléficas, tanto que ainda hoje em muitas casas há um espelho octogonal acima das portas de entrada, pois este é um intermediário entre o espelho redondo que representa o “divino” e o quadrado que representa o “terrestre”.

“Speculum” é a origem latina da palavra espelho, que vem do verbo “specere”, que significa olhar. Especular, nos tempos antigos, era o ato de observar o céu e as estrelas através de um espelho.

4.2 A presença do espelho na literatura

Na literatura mundial, o espelho é um elemento que se repete em diferentes gêneros, assumindo diferentes características e significados. Alguns textos apresentam traços que se assemelham entre si e, assim, podemos alcançar interpretações bem próximas, apontando a universalidade de tal objeto. A presença literária do espelho pode ser datada de épocas muito antigas, como no mito de Narciso. Na versão de Ovídio, poeta romano que viveu entre 43 a.C e 17 ou 18 d.C, no dia do nascimento de Narciso, o vidente Tirésias previu que o menino teria vida longa e próspera desde que não fitasse seu próprio reflexo. No entanto, quando tornou-se um jovem adulto caiu em tentação e parou para contemplar sua beleza às margens de um lago, no qual caiu em total perdição por si próprio, e de sua imagem não pôde mais desvencilhar seus olhos até sua morte.

O mito surge com a força de uma história com fins educativos, alertando aos homens o perigo da auto-adoração e do quão trágico pode ser perder-se nessa futilidade de ignorar o mundo ao redor em detrimento de si próprio e de seu ego. No mito de Narciso, o espelho aparece representado pelo reflexo das águas do lago, transmitindo uma mensagem negativa, sendo apresentado subjetivamente como um objeto de poderes malignos no que tange ao homem, pois ao admirar seu reflexo, todo o restante do mundo perdeu importância e sua vida findou-se nessa admiração infinita.

Nos dias atuais, temos o mito de Narciso atualizado no hábito das *selfies*, no qual o espelho novamente não aparece de modo direto. Há um vasto mercado que incentiva essa mania, com a venda de celulares com câmeras traseiras e frontais de altíssima qualidade, variados aplicativos de edição de fotografias com diferentes formas de edição bastante criativas e as próprias redes sociais que alimentam tudo isso, especialmente aquelas cujo foco é voltado especificamente para fotografias, como o *Instagram* e *Snapchat*.

As *selfies* são a representação do lago-espelho de Narciso, pois as pessoas a todo o momento estão fotografando a si próprias, divulgando sua imagem em diferentes lugares, diferentes posições, diferentes companhias, iluminações, vestimentas e caracterizações. Seu reflexo e sua beleza estão acima de tudo, independentemente do tempo ou do espaço. E até mesmo o perigo mortal do mito original está presente no mito moderno. Segundo reportagem da revista Super Interessante (D'ANGELO, 2016), há inúmeros casos de mortes provocadas por *selfies* tiradas em locais ou momentos perigosos (do alto de montanhas, junto de animais selvagens, próximo a cabos de alta tensão, etc), sendo a Rússia e a Índia as líderes em *selfies* letais.

Outro exemplo da literatura mundial que traz marcadamente a questão do espelho é o conto *Branca de neve*, dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, cuja primeira edição é de 1812. A famosa história da menina que perdeu a mãe no dia de seu nascimento e cresceu sob o jugo da madrasta ciumenta de sua beleza jovial conta com o objeto espelho em uma posição de certo destaque, pois ele é um espelho mágico e uma vez que possui falas próprias é um personagem animado com espaço próprio. Podemos analisar através da tradução de Borges (2010, p.130) a postura da madrasta de Branca de Neve, a nova rainha do povoado, que se olhava em seu espelho e fazia a consagrada pergunta: “Espelho, espelho meu, existe outra

mulher mais bela do que eu?” ao que o espelho respondia-lhe: “Não, minha Rainha, sois de todas a mais bela.” A madrasta mantinha-se satisfeita, pois tinha a certeza de que o espelho jamais mentiria. Porém, com o passar do tempo, a menina foi crescendo, assim como sua beleza foi aflorando, e a pergunta da madrasta “Espelho, espelho meu, existe outra mulher mais bela do que eu?” passou a ter uma resposta diferente: “Ó minha Rainha, sois muito bela ainda, mas Branca de Neve é mil vezes mais linda.” E a partir desse momento, inicia-se uma caçada sanguinária pelo coração de Branca de Neve, reforçando a sede da rainha pelo posto de mulher mais bela. O espelho mostrou-se fiel à verdade, como usualmente é caracterizado e, mais uma vez, ele é colocado como um estopim para uma mudança na narrativa. Porém, ao contrário do lago-espelho que cegou Narciso ao mostrar-lhe sua beleza imensurável, permitindo assim que o ego o dominasse, o espelho da madrasta contou-lhe somente a verdade e foi sua própria vaidade e arrogância que consumiram seu coração na maldade.

Na adaptação de 1937 de Branca de Neve pela Disney, o espelho mágico é invocado pela Rainha de maneira como se ela estivesse entrando em contato com o oculto, havendo um tom sombrio na atmosfera e nas palavras usadas por ela: “Escravo do espelho mágico, deixa o infinito do espaço e vem pelas trevas, eu te convoco. Deixa-me ver tua face”, ao que o espelho aparece em meio a fumaça e altas labaredas de fogo respondendo em voz grave: “O que ordenais, minha Rainha?” E ela torna a falar a tão conhecida frase: “Fala, mágico espelho meu, quem é mais bela do que eu?”, ouvindo a dura resposta: “Famosa é a vossa beleza, majestade, porém, há uma menina entre nós, com tanto encanto e suavidade que eu digo que ela é mais bela do que vós”. Nós sabemos muito bem quem vem a ser essa menina, Branca de Neve.

A escolha das palavras “escravo”, “trevas” e a ordem “eu te convoco”, usadas pela Rainha em contato com o espelho, parecem bastante propositais para que, desde o início do filme, possa se designar os traços maquiavélicos da Rainha, que ainda mais tarde no longa-metragem se transformará em bruxa. E, da mesma forma, as chamas no interior do espelho também servem como recurso imagético para ligar o fogo ao poder de sabedoria do “escravo do espelho”, personagem tido como fantástico e místico, porém sábio.

Em *Alice no País do Espelho* (1871), obra escrita por Lewis Carrol, dando continuidade à mundialmente famosa história de *Alice no País das Maravilhas*

(1865), o objeto espelho deixa de ser retratado apenas como um objeto ou como um objeto-personagem e torna-se um portal para uma nova dimensão, mantendo dessa forma uma relevância igualmente grande nos acontecimentos da narrativa. A protagonista Alice, em meio a brincadeiras com sua gata na sala de estar, começa a imaginar como seria incrível poder atravessar o espelho que se localiza acima da lareira e poder desbravar a sala no que ela chama de “Casa do Espelho”, que é nada mais do que a sua própria casa refletida. Assim, Alice é impelida pela sua infinita curiosidade a tentar atravessar o grande objeto de sua sala, o que, para sua própria surpresa, acaba por dar certo. O aço que antes parecia ser firme começa a amolecer, e a menina inicia a transição física de uma realidade para a outra, até que se encontra completamente do lado oposto à sua casa, do outro lado do espelho, o lado invertido. E é nesse novo lugar onde acontecem inúmeras novas aventuras com os fantásticos personagens que Alice vai encontrando pelo seu caminho.

Observando a literatura brasileira temos o exemplar conto *O espelho* (1882), de Machado de Assis, que nos apresenta uma conversa a respeito da vida e da filosofia entre alguns bons amigos. Um desses amigos pouco fala, porém, em determinado momento, decide posicionar-se e inicia uma argumentação a respeito da natureza da alma. Eis que esse personagem que pouco falava, chamado Jacobina, define aos seus ouvintes que “-Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... [...] A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação” (ASSIS, 1994, p.2), conferindo ao homem, dessa forma, uma dualidade através de sua própria alma.

Jacobina passa a contar uma história que aconteceu consigo mesmo em sua juventude, quando ascendeu ao cargo de alferes da Guarda Nacional (atualmente conhecido como segundo-tenente) e o título subiu-lhe tanto à cabeça que passou a sentir-se como se tivesse dupla personalidade: o homem Jacobina e o alferes. Na casa de uma tia sua, havia um grande espelho de moldura de ouro de tempos antigos, no qual, depois de uma série de acontecimentos, ele temia olhar seu reflexo e perceber sua duplicidade. Quando finalmente criou coragem e olhou-se no espelho, o rapaz percebeu que não havia nada de diferente, mesmo que ele sentisse a metamorfose que lhe ocorria. Porém, ao vestir-se com suas roupas de alferes, parou em frente ao espelho novamente. E nesse momento percebeu que finalmente sentia-se bem, sentia-se único, esse momento foi como o encontro do

verdadeiro eu-interior, e a partir daquele dia, ao menos três horas eram dedicadas a observar seu reflexo vestido de alferes. Este conto é mais um caso que a literatura traz de autoconhecimento através do espelho, como um elemento de dúvida e, ao mesmo tempo, de reconhecimento do duplo, apresentando também uma outra identidade antes oculta.

Há ainda mais um interessante exemplo da literatura nacional que traz o espelho como parte significativa, a obra *A hora da estrela* (1998), da escritora Clarice Lispector. A protagonista da narrativa é uma moça nordestina de modos muito simples e de personalidade muito pueril, chamada Macabéa. Ela, que, segundo o narrador, nunca se viu nua por ter vergonha, por pudor ou por ser feia, em diferentes momentos a jovem se depara com espelhos, resultando em singulares situações. Em certa ocasião a personagem ao parar em frente de um espelho, acaba refletindo a figura do narrador, barbudo e cansado. Valendo-me das palavras de Clarice, o narrador e a protagonista se intertrocam, e ele tem a certeza da existência física da moça. Esse contato através do espelho aponta o objeto como espaço de encontro.

Posteriormente na narrativa, Macabéa recebe o aviso de sua demissão e decide ir ao banheiro para ficar sozinha, entretanto recebe a desagradável surpresa ao não enxergar seu próprio reflexo no espelho, segundo Lispector (1998, p.25): “baço e escurecido”. Ela pensa que sua existência física possa ter desaparecido. E ao conseguir visualizar um pouco de si, vê uma figura deformada e pensa: “tão jovem e já com ferrugem” (LISPECTOR, 1998, p.25). Uma leitura possível desse desencontro consigo mesma e depois a verificação de uma imagem defeituosa, é que ela estaria externalizando seu sentimento de insignificância perante a sociedade, pois a própria demissão do emprego foi a partir da comparação de sua incompetência em comparação à eficiência da colega Glória.

E por fim, em outro ponto da narrativa, é descrita a alegria da nordestina ao ter seu primeiro dia de folga na vida, no qual ela toma café solúvel em frente ao espelho para assim não se perder dela mesma. Novamente o espelho surge como aquele que conecta personagens, neste caso, a protagonista com sua própria imagem. “Encontrar-se consigo própria era um bem que até então ela não conhecia.” (LISPECTOR, 1998, p.42). E é possível perceber uma evolução do contato de Macabéa com o espelho desde o primeiro episódio em que o que o narrador é visto, ao invés de sua aparência, até o dia de sua primeira folga, como é possível verificar

no excerto: “E até ver-se no espelho não foi tão assustador: estava contente mas como doía” (LISPECTOR, 1998, p.42). Clarice Lispector acaba valendo-se dos espelhos para além de objetos, utilizando-os como espaços de referência para a protagonista.

Como se observa, o espelho é um símbolo marcante na literatura, pois representa a dualidade do ser humano, tendo a função de modificar o curso das narrativas, bem como influenciar transformações comportamentais nos indivíduos em geral. Pensando na importância universal do espelho, analisaremos no subcapítulo a seguir a presença dele na obra *Mulher no espelho* (1985) e sua relevância na narrativa.

4.3 O espelho por Helena Parente Cunha

Na obra analisada neste trabalho, o espelho existe como um fio condutor de toda a narrativa, aparecendo como um objeto-protagonista em momentos-chave, porém, também surge como um detalhe marcante de fases da vida da personagem principal, a Mulher no espelho.

Em alguns dos momentos em que a narrativa retorna à infância da Mulher no espelho, a narradora traz muitos relatos de seu vínculo com a ama que auxiliou em sua criação. Um momento que é lembrado, mais de uma vez na história, é a lembrança dos fortes temporais. Os raios fascinavam a menina, mas amedrontavam a ama que ficava a beijar suas medalhinhas religiosas que carregava junto ao peito. A criança, muito doce que era, jamais zombaria das crenças da ama, porém, não entendia o motivo para tanto medo, afinal o poder da natureza a deixava deslumbrada.

Durante os dias de mau tempo, o hábito era sempre o mesmo:

o temporal não vinha e quando vinha, eu gostava de ver os relâmpagos se acendendo no escuro cinzento do céu. Explodindo em trovoadas. Minha ama apavorada, correndo para cobrir os espelhos da casa. Espelho chama raio, você não sabe? Não abra esta janela, menina (CUNHA, 1985, p.13).

Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), não há relação alguma entre os espelhos e os raios, sendo esta suposição apenas um mito antigo criado por conta do reflexo dos raios, que antigamente, ao serem vistos nos espelhos, causavam um mal-estar nas famílias por considerarem que os raios

estavam muito mais perto da casa do que eles poderiam imaginar. Assim, acreditavam que os espelhos estavam atraindo a incidência desse fenômeno.

O espelho também surge como um espaço de grandes questionamentos, de busca pela verdadeira identidade e autodescoberta. A Mulher no espelho passa pelo espelho e indaga-se: “Olho meu rosto no espelho. De quem é o meu rosto? A fotografia da menina-sem-sorriso. Largo laço de fita no cabelo. De que cor? De quem é o meu rosto?” (CUNHA, 1985, p.31). Como se observa, não há um sentimento de pertencimento ao próprio rosto e à própria história pessoal. Desde menina, ela se enxerga como a menina-sem-sorriso e, na mocidade, ela passa a ser “a menina de papelão”. O que vemos é o crescimento de uma menina sem escolhas, que transmite uma tristeza abafada, uma vida totalmente controlada pelos outros, não existindo permissão de pertencer a si mesma. Dessa forma, ela não cria uma identidade que possa ser reconhecida ao mínimo olhar de relance em um espelho.

Na fase adulta, a Mulher no espelho tem momentos solitários em frente ao espelho, onde ela é franca consigo mesma e permite-se enxergar a verdadeira mulher que é. Nua ou vestida com suas roupas mais ousadas –proibidas pelo marido- ela descobre uma beleza que normalmente não encontra. Sente-se livre e completa, sente-se viva, sente seu sangue corrente e latente, sente-se mulher. Sua libertação através dos espelhos demora a ocorrer, dando-se apenas da metade para o fim da obra, o que será tratado no próximo capítulo. Esses momentos de transgressão das imposições machistas de seu marido são muito breves, pois logo suas dúvidas retornam, ao que então passa a questionar quem realmente é aquela refletida no espelho: ela ou a Mulher que escreve?

Gosto de vestir um dos meus vestidos proibidos, interditados por meu marido como indecentes. Sorrio cúmplice de mim mesma. Abaixo mais o decote. Cores em gritos, maquiagem especial. Nos olhos, muita sombra, muito rímel. Os cílios postiços. O cabelo despenteado caindo em cima da testa. Abaixo ainda mais o decote. Quem é a mulher provocante no espelho? Não sou eu. Parece-se com ela, a mulher que me escreve. Continuo a dançar, no meu vestido vermelho, muito justo, muito decotado, aberto na perna, mal reconheço a imagem que me salta do espelho. É ela? Sou eu? Qual a verdadeira? (CUNHA, 1985, p.37).

Dessa forma o espelho permanece em uma dupla posição, de libertação dessa mulher e aprisionamento à imagem da outra. A baixa autoestima plantada em seu ser, desde a infância, insiste em permanecer e atrapalhar sua vida, não permitindo que essa mulher possa se apropriar de sua energia vital feminina.

Seguindo, então, no raciocínio de observar o espelho como um espaço, Foucault (2001) conceitua o espelho como uma utopia e, ao mesmo tempo, uma heterotopia. O espelho configura-se como uma utopia, um espaço simbólico, pois podemos ver a nós mesmos do outro lado do espelho, mesmo não estando fisicamente nesse ambiente. De acordo com Foucault (2001), o espelho é uma utopia por tratar-se de “um lugar sem lugar algum”. Essa imagem irreal é o retrato fiel da realidade, é o nosso eu-virtual. E, da mesma forma, o espelho é uma heterotopia, pois, ele é existente neste lado real e reflete exatamente o espaço em que me localizo fisicamente. Unindo simultaneamente ambas perspectivas, o espelho é um lugar irreal que existe na realidade.

Do lugar em que me encontro no espelho apercebo-me da ausência no lugar onde estou, uma vez que eu posso ver-me ali. A partir deste olhar dirigido a mim próprio, da base desse espaço virtual que se encontra do outro lado do espelho, eu volto a mim mesmo: dirijo o olhar a mim mesmo e começo a reconstituir-me a mim próprio ali onde estou. O espelho funciona como uma heterotopia neste momentum: transforma este lugar, o que ocupo no momento em que me vejo no espelho, num espaço a um só tempo absolutamente real, associado a todo o espaço que o circunda, e absolutamente irreal [...] (FOUCAULT, 2001, p.80).

É nesse espaço habitável que ocorre o encontro entre a Mulher no espelho e a Mulher que escreve. As duas através do espelho reconhecem que são uma única mulher, atuantes e participantes uma da vida da outra, completamente dependentes, mesmo sendo opostas por conta da transposição natural do espelho, que nesta narrativa é o universo que atrai a ambas:

O espelho não tem como única função refletir uma imagem; tornando-se a alma um espelho perfeito, ela participa da imagem e, através dessa participação, passa por uma transformação. Existe, portanto, uma configuração entre o sujeito contemplado e o espelho que o contempla. A alma termina por participar da própria beleza à qual ela se abre. (M.M.D. apud CHEVALIER; GHEERBRANDT, 1986, p.396).

Na narrativa, o espelho deixa de ser apenas um objeto decorativo, passando para a função de oráculo que apresenta a verdade, que a todo custo sofre tentativas de ocultamento por parte da Mulher no espelho. Ela não aceita ser a mesma pessoa que a mulher por quem nutre ódio e rancor, de certa forma justificados, pois a Mulher que escreve não reprime seus julgamentos.

Ao longo da leitura, temos algumas sensações de confusão de sentidos e de interpretações, pois, em alguns momentos, o discurso de cada uma das mulheres é tão diferente um do outro, que paira a dúvida se realmente elas seriam uma só.

Seria possível uma pessoa portar tantas diversidades dentro de si? No entanto, em outros momentos chegamos a pensar que, na verdade, a Mulher no espelho é a única mulher existente e a Mulher que escreve seria apenas a voz de sua consciência perturbada por tantos ataques e repressões sofridos desde sua infância. Porém, é justamente o espelho que nos traz a certeza da unicidade das mulheres que conosco falam através de toda a narrativa. Podemos comparar o espelho também a uma janela, pois, através dessa janela a Mulher no espelho desnuda-se de seus traumas e pesos, apresentando-nos transparentemente sua personalidade forte que se identifica tanto com a da Mulher que escreve, permitindo ao leitor a compreensão de que, sim, uma pessoa pode ser um indivíduo único e ao mesmo tempo plural.

5 ANÁLISE DA OBRA PELO VIÉS DO DUPLO ESPECULAR

*O meu coração é vermelho,
E o que eu canto é o espelho
Do que se passa por lá.*

(Oswaldo Montenegro)

Rosset (2008, p.24) afirma que o duplo é uma estrutura paradoxal: “Paradoxal porque a noção do duplo, como veremos, implica nela mesma um paradoxo: ser ao mesmo tempo ela própria e outra” e é o que de fato ocorre com a Mulher no espelho e a Mulher que escreve. Não é possível definir a existência de apenas uma das mulheres. Qualquer uma delas pode ser uma ilusão, tema também abordado por Rosset (2008) em seu ensaio, e que será visto mais adiante neste capítulo. A Mulher que escreve pode ser também a voz da consciência da Mulher no espelho e, da mesma forma, a Mulher que escreve pode ser uma paranoia² (estado patológico de defesa, estudado por Freud) por parte da Mulher no espelho:

[...] [Freud] atribui o termo defesa à resistência em recordar, e o mecanismo psíquico que a embasa, a repressão. Diante de uma realidade (inclui-se ideias ou sentimentos) que por algum motivo é insuportável, inaceitável ao sujeito, ocorre à rejeição desta realidade. Esse seria um mecanismo de projeção defensivo, de rejeição. O sujeito projeta no exterior, geralmente, algum sentimento causado por um acontecimento recalcado e que lhe é insuportável para ser atribuído ao seu próprio eu (CRIXEL, 2013, s/p).

Mais uma interpretação possível seria a Mulher no espelho ser apenas a personagem de ficção da obra a qual a Mulher que escreve está criando. Dessa forma, estamos lendo uma obra de ficção no interior de outra obra de ficção. Indiferentemente de qual seja a explicação definitiva para esse caso, a partir de tantas hipóteses, o único aspecto que podemos definir é que as duas mulheres são apenas uma. Assim, estamos lidando com um caso de **duplo**, tema amplamente abordado na ficção universal e que Helena Parente Cunha demonstra claramente em sua obra.

² Essa perspectiva freudiana também suporta argumentação plausível como possível análise, conforme veremos adiante neste capítulo analítico através de episódios e excertos da obra.

5.1 O duplo feminino

A protagonista e sua antagonista possuem características e posicionamentos completamente opostos, cada uma com suas próprias vivências, problemas e traumas. A Mulher que escreve sempre foi livre, jamais aceitou as ordens autoritárias de seu pai e desobedecia às regras impostas pela sociedade machista da época, tendo experiências das mais diversas em sua adolescência, a qual viveu em sua plenitude. No entanto, na mesma época, a Mulher no espelho tinha sua vida controlada e dominada por sua família, especialmente por seu pai; dela foi retirada sua infância e sua adolescência, na medida em que enquanto menina deveria agir conforme as meninas agiam, porém, ao tornar-se uma jovem, não deveria se comportar como as jovens de sua época:

Meu pai gostava que eu brincasse com meninas menores do que eu, minhas vizinhas, eu brincava, pulava corda, corria picula, apostava corrida, enquanto as minhas colegas iam passear no Farol, na Rua Chile, matinês aos domingos, festas nos clubes, festinhas em casa ao som da eletrola, flertes, namoros. Eu brincando em frente ao portão de minha casa (CUNHA, 1985, p.43).

Seu pai desejava ter uma filha bem-comportada e decente, e ela aceitava o que seu pai exigia e era exatamente a filha que ele desejava ter. O maior medo da Mulher no espelho seria desapontar seu pai.

As reações aos pais autoritários e à época de repressão sofrida pela mulher da época eram diferentes nas personagens. Em um espelhamento, as mulheres apresentam suas versões do modo como a outra agia perante essas situações e os relatos são contraditórios. É possível analisar esses discursos opostos através da ótica de que cada uma das mulheres conta a verdade sobre a outra. No entanto, nenhuma delas quer admitir suas falhas e fraquezas, como pode ser visto no relato da Mulher que escreve sobre a reação da Mulher no espelho após um deslize contra uma proibição instaurada por seu pai:

O mínimo que você podia fazer, já que não tinha coragem de o enfrentar e impor a sua vontade. Você nunca se perdoou por ter enganado seu pai. Você chorou a noite toda com medo de que seu pai morresse. Você ia de dez em dez minutos até a porta do quarto, para ver se ele estava ressonando (CUNHA, 1985, p.52, grifo da autora).

Enquanto no relato da Mulher no espelho sobre sua antagonista, temos exatamente a mesma situação, porém do lado oposto:

Quem ia para a porta do quarto do pai, a fim de verificar se ele respirava ou tinha morrido era ela. Depois que dava os seus rompantes de liberdade. Ela desobedecia a todas as proibições dele, mas se sentia culpada. Num tempo em que as moças tinham hora marcada para voltar para casa de noite e não saíam sozinhas sem dizer para onde iam, ela, a mulher que me escreve, nunca se preocupou em seguir essas prescrições. [...] Mas quando voltava, se o pai não estava acordado para reclamar e brigar, ela ia diretamente para a porta do quarto dele, escutar se ele ressonava (CUNHA, 1985, p.52).

Ambas as mulheres possuíam mágoas e arrependimentos em relação ao pai, tanto a boa filha, recatada e submissa, que por um breve momento decidiu desafiar as ordens superiores, quanto a mulher que sempre contrariava seu pai e não aceitava as amarras paternas compulsórias.

A rebeldia das duas mulheres, somada às restrições sufocantes impostas pelas famílias, criaram uma carga muito pesada de culpas e remorsos em ambas, desde a infância até a fase adulta. Esse remorso é representado no romance por uma metáfora de ratos a roerem os pés das personagens. Na vida da Mulher no espelho, a presença dos ratos é muito marcante até certo ponto de sua vida adulta. Posteriormente, quando ocorre a reviravolta na narrativa, os roedores abandonam a protagonista e tomam conta da vida da Mulher que escreve. Helena, em um ensaio que analisa algumas de suas obras, entre elas *Mulher no espelho* (1985), confirma a metáfora dos ratos e a problemática da culpa:

A mulher brasileira das últimas décadas teria que pagar o seu tributo pela transgressão. A narrativa de várias escritoras atesta o sentimento de culpa. [...] A protagonista de *Mulher no espelho* não foge à regra. A fantasmagórica presença dos ratos que lhe roem os pés em todo o desenrolar da trama, indica de modo dramático o horror da culpa invadindo o psiquismo, todas as vezes que havia um desvio, por menor que fosse. Toda narrativa é rasgada pela culpa ou remorso e pela menção dos ratos, seu barulho, seu cheiro insuportável [...] (CUNHA, 1997, p.117).

Durante os relatos da Mulher no espelho sobre os ratos, a Mulher que escreve, por não acreditar na existência desses animais, retrucava: “Os ratos só existiam na sua imaginação” (CUNHA, 1985, p.11, grifo da autora).

No entanto, o relato de horror por parte da Mulher no espelho, quando menina, era totalmente real:

Os ratos começaram a me roer os pés. De onde vieram? De onde vinham? De uma das paredes do sótão pendia um espelho invadido de manchas cor de ferrugem. Me apavorei ante o meu rosto no espelho. Queria gritar. Aterrorizada, minha voz rouca não atravessou o espelho. Os ratos roíam meus pés. Me tire daqui, pai. Sentia vergonha quando meu pai contava

para as visitas que eu tinha quebrado o elefante de meu irmão (CUNHA, 1985, p.11).

A partir desse relato, podemos perceber a associação direta da imagem dos ratos ao remorso e à autoculpabilização por ter feito algo errado. Essa relação se mantém ao longo de toda a obra. E, nesse caso específico, a Mulher no espelho quebrou o elefante de brinquedo do irmão mais novo, por quem nutria profundo ciúme. Ainda analisando esse excerto, é notável a forte presença do espelho. Nesse exemplar, há manchas de ferrugem, transmitindo à criança uma atmosfera lúgubre, aparentando ser uma antiguidade que carrega em si um certo peso de julgamento. O espelho nesse episódio representa a autocrítica feita pela Mulher no espelho a si própria em sua mente infantil sobrecarregada pelas exigências do pai. Elódia Xavier (1997, p.170) define:

No caso das narrativas de autoria feminina, a família é o espaço social dominante; não só a família constituída na fase adulta, como também a família de origem, fonte, quase sempre, dos conflitos presentes. De fato, só é possível compreender o adulto a partir da análise das condições particulares, que envolveram e determinaram as mediações parentais, durante a infância, bem como das características dos mediadores específicos.

A partir dessa análise de Xavier (1997), podemos perceber e ponderar que os problemas na vida adulta da Mulher no espelho, em relação a si própria como mulher, no relacionamento com o seu marido e com os seus filhos, de fato, originaram-se na infância atribulada e reprimida, regida pelos laços familiares de cultura moralista.

Ainda refletindo acerca das perturbações psicológicas oriundas da repressão familiar, percebe-se nas falas da Mulher no espelho, as restrições emocionais as quais ela própria se impõe. Há uma total ligação do seu passado oprimido com o seu presente também oprimido e atribulado: “Acho bom conter as emoções. Restrições e surdinas. Resulto-me aprendizado longo, pacientemente. Espírito e corpo se compõem, retidos em medidas comedidas” (CUNHA, 1985, p.68). Sendo controlada pelo pai repressor durante toda a infância, ela cresceu aprendendo a ser comedida em seus atos e sentimentos. O que para ela parecia ser uma boa administração de suas emoções, era na verdade o apagamento de sua identidade individual. E, após tantos anos de invisibilidade, os resultados só poderiam ser problemas diretamente na ordem do psicológico, como a ansiedade por tentar ser a melhor esposa, a melhor mãe, aquela livre dos defeitos, mas que justamente por exagerar em suas

ações –já que era comedida em suas emoções- gerava um pandemônio em seu universo mais íntimo, convivendo com insegurança e ansiedade constantes por tentar evitar a falha a todo custo: “Assumi uma responsabilidade na vida. Minha família, meu lar, meu infinito,. Não vou falhar” (CUNHA, 1985, p.32). Nesse sentido, de acordo com Freud (1974, p.258): “Todo afeto pertencente a um impulso emocional, qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se reprimido, em ansiedade”. É exatamente esse o quadro em que se encontra a Mulher no espelho antes da grande virada de sua vida.

Ao crescer e sair da redoma de cuidados e opressão de sua primeira família, a Mulher no espelho cria a sua nova família, tendo três filhos a partir de seu casamento. Ela não percebe, mas ao sair de perto de seu pai, encontra um marido tão repressor quanto. Do marido ela realiza todas as vontades e aceita todos os seus julgamentos e ordens. A Mulher no espelho não consegue ter uma visão distanciada de seu casamento machista, no qual ela não passa de serviçal do homem que provê a comida na mesa. Os filhos gerados nesse casamento também se tornam homens que acreditam na ordem falocêntrica e, por eles, essa mulher deve se responsabilizar nos mínimos detalhes, também se anulando em detrimento deles.

Em oposição a esse cenário típico de uma família tradicional do início da década de 70, a Mulher que escreve não quer se casar, quer ser livre a todo custo e acredita que a vida da Mulher no espelho é a degradação total de uma mulher:

Ela, a mulher que me escreve, insiste em chamar a atenção para as vezes em que meu marido e meus filhos se levantaram da mesa, sem comer, resmungando resmungões ou zangados, jogando a comida fora do prato ou no chão ou em cima de mim. Sim, é verdade, agiram assim, agiram, mas foi só uma vez, eles estavam nervosos por causa de problemas com amigos e além disso não atiraram nada, eu ia passando perto, a comida caiu em cima de mim sem querer, eles têm o gênio irritadiço, abespinhado (CUNHA, 1985, p.32).

E por pior que eles a tratem, a Mulher no espelho não consegue perceber os abusos masculinos sobre si, sua imagem e seu corpo.

Assim como as personalidades da Mulher que escreve e da Mulher no espelho são absolutamente opostas no relacionamento com o pai, uma sendo a imagem da transgressão e a outra sendo a imagem da obediência servil, no casamento também é possível verificar a existência do duplo bem definido, pois a Mulher que escreve abomina a subserviência dessa relação, enquanto a Mulher no

espelho tenta manter seu relacionamento, mesmo que isso signifique uma felicidade duvidosa.

Perante os julgamentos da escritora, a Mulher no espelho tenta defender-se também atacando. Cada uma analisa a situação da outra de acordo com a sua própria perspectiva de mundo:

A mulher que me escreve, ao brandir não às esporas, supõe haver descoberto o sentido da liberdade. Ela se acha tão presa quanto eu. Ser livre por necessidade de subverter um padrão, é o mesmo que se escravizar. Ela é escrava da liberdade. Minha submissão me liberta (CUNHA, 1985, p.17).

A partir da fala da Mulher no espelho, percebe-se que ambas as mulheres vivem em situações de conflito e resignação, mesmo que de modos diferentes. A protagonista se refere a cada uma como “escrava” e “submissa”, não interessando se a relação é consigo própria ou para com outra pessoa, nenhuma delas vive em plena liberdade. Ambas são o duplo feminino em busca da plenitude como mulher, porém, ambas estão perdidas em meio às tênues linhas do que a sociedade impõe que deve ser seguido e o desejo pessoal de fuga dessas mesmas imposições.

As vozes das personagens somam-se ao longo da narrativa e, em muitos momentos, a Mulher que escreve interpela a outra impiedosamente, porém, são raros os momentos de encontro imagético entre elas:

Ao nos vermos frente a frente, espelho irreversível, não nos vemos frente a frente. Nós nos vemos entre. Não o choque do defronte, mas o escorregar sob. Quanto mais ela me evita, mais eu a prendo. Quanto mais eu a prendo, mais me pertenco (CUNHA, 1985, p.20).

Nesse excerto, há o encontro e a admissibilidade do duplo. Elas jamais se aceitam mutuamente, no entanto, há momentos da narrativa em que continuar negando a existência e a dependência alheia torna-se impossível. Elas não se observam frente a frente justamente porque caso esse encontro seja visualizado, elas perceberão a unicidade delas próprias em uma única mulher. Freud (1974) discute que em uma relação de duplo, há muitos processos mentais que alternam entre um personagem e outro, sendo o que ele chama de “telepatia”. Esse fenômeno ocorre permitindo que ambos indivíduos saibam o que se passa sentimentalmente e nas experiências um do outro, conforme se observa em a *Mulher no espelho* (1985), em que as personagens sabe muito uma da outra.

A Mulher no espelho sofre agressões verbais, por parte da Mulher que escreve, quase que constantemente na primeira parte da obra, pois não há uma aceitação do modo de viver da outra. Rank (1939) em seu estudo sobre o duplo discorre sobre os conflitos existentes nesse tipo de relação: “É fácil verificar que o problema se baseia na mania de perseguição e ofensas sofridas pelo Duplo, que obseca o protagonista” (RANK, 1939, p.128). No caso da obra em análise neste trabalho, a personagem perseguida é a protagonista, que é sufocada pelo seu duplo, a Mulher que escreve. A antagonista da narrativa mantém as acusações cruéis contra a protagonista, pois ela está decidida a fazer com que a Mulher no espelho mude de opinião e de postura perante sua vida acomodada e infeliz.

Quando seu marido chega, você fica querendo que ele tome o copo de água gelada, e em vez da maldita batida de limão, que você deve preparar na dose certa e na quantidade que deve durar aproximadamente duas horas antes do cerimonial do jantar, quando ele já vai para a mesa alto ou de porre consumado e então tudo pode acontecer, como daquela vez em que ele obrigou a empregada a se sentar à mesa para comer e depois simplesmente foi para a cama com ela [...] (CUNHA, 1985, p.33, grifo da autora).

A Mulher que escreve joga na mesa verdades cruéis a respeito dos abusos sofridos pela outra mulher por parte de seu marido. E ainda cobra um posicionamento dela contra todas as barbáries sofridas:

[...] E você? Onde você se escondeu para fingir que não estava vendo a sacanagem? Quantas vezes ele chegou à casa embriagado e quebrou a louça e os copos? Quantas vezes ele já bateu em você? Basta de fingir e fantasiar felicidade que não é (CUNHA, 1985, p.33, grifo da autora).

Nesse clima inquisitório é que vivem as duas mulheres. Infelizmente, não é tão simples para uma mulher conseguir perceber o relacionamento violento e abusivo em que vive, muitas são as variáveis presentes, e somente quem está envolvido diretamente é que pode tomar qualquer decisão.

Freud, em seus estudos, discute sobre a temática do duplo considerando que uma de suas possíveis origens é o narcisismo primário que ocorre na infância, em que a mente da criança é dominada pelo amor-próprio ilimitado. Sob essa ótica, é admissível resgatar a infância da mulher no espelho, que não aceitou o nascimento de seu irmão mais novo e, por diversas vezes, chorou por ter que dividir o colo dos pais com a nova criança da casa. Ela chegou ao ponto de desejar sumir com o menino, de jogá-lo em um poço, por não ser mais filha única, evidenciando o narcisismo latente dentro de si. Mais tarde, o narcisismo é ocultado, porém a

existência de seu duplo pode ser uma evidência dessa vaidade não superada totalmente, como afirma Freud (1974, p.253): “A ideia do duplo não desaparece necessariamente ao passar o narcisismo primário, pode receber novo significado em estágios posteriores do desenvolvimento do ego”. Ainda associando o duplo ao narcisismo, cito Otto Rank (1939, p.124) que afirma que “a esse narcisismo liga-se um grande egoísmo, incapacidade de amar e vida sexual anormal”. Dessa forma, percebemos os reflexos do narcisismo criador do duplo e que também é uma das fontes geradoras dos problemas vistos na vida adulta da Mulher no espelho. Ela não consegue desenvolver amor ou qualquer outro afeto pela Mulher que escreve, sendo passível de dúvida o amor por seu marido, além de ter uma vida sexual completamente anormal.

Enquanto a Mulher que escreve vive sua liberdade sexual ao máximo, conhecendo diferentes homens e entregando-se ao prazer, a Mulher no espelho é inerte no que se relaciona ao sexo, evitando o assunto e, se possível, também a prática. O sexo, algo mais do que natural para a fase adulta de um ser humano, para a Mulher no Espelho, era um completo tabu:

Você põe malícia no que é simples e natural. Para você o sexo sempre foi tabu. Você não goza com o seu marido, não porque ele é obeso e fede, não porque ele é pesado e mole, mas antes de mais nada porque você vê no ato sexual um despudor, uma devassidão (CUNHA, 1985, p.42, grifo da autora).

A Mulher no espelho não consegue admitir os fatos, muito menos os que envolvem sexo. Em sua fala percebemos perfeitamente seus problemas ao lidar com o tema:

Ah, a mulher que me escreve é uma puta. Recusa-se a falar, deixa-me sentir até as últimas reentrâncias o desespero da solidão dela. De nada adiantou a sua vida livre e imoral. Imoral, sim. Seu corpo cedido a tantos homens, sua sede de amor também frustrada em todas as experiências (CUNHA, 1985, p. 40).

A Mulher no espelho não consegue perceber de outra forma a vida sexual livre da outra, senão como devassidão, e sente-se no direito de julgá-la chamando-a de “puta”. Ela verbaliza tais críticas por não conseguir ser como a outra, por ser retraída demais para falar de sexo, quiçá para praticá-lo com tamanha voracidade como a Mulher que escreve. Ela traz todas essas amarras de sua meninice controlada pelo machismo paterno. O que a Mulher no espelho não sabe é

exatamente o que diz nas rimas do rap brasileiro *Efeito borboleta* (2017), das rappers Livia Cruz, Cintia Savoli, Taz Mureb, Sara Donato, Issa Paz e Meire D'origem: “existem mais segredos entre as mulheres / do que rotular entre puta e santa”. Além disso, quando a protagonista afirma “sua sede de amor também frustrada”, ao usar o advérbio de inclusão “também”, a Mulher no espelho está incluindo a si própria nessa listagem de pessoas que sofrem de desamor. Nesse ponto, todas as suas argumentações de esposa feliz e amada por seu marido, diluem-se. Ela admite, quase que imperceptivelmente, sua infelicidade.

Em outro encontro entre as mulheres frente ao espelho, mais uma vez, a Mulher no espelho demonstra não conseguir aceitar ser ela mesma e a outra, a quem odeia:

Dispo-me de vergonha e receios. Nua em meio aos espelhos. Não me acho. Onde estou, semeada em tantas imagens? Não, não sou eu. É ela na sua indecência. Ela. A mulher que me escreve. Olha-me e sorri. Me aproximo. Estou rente à face fria. O espelho. Os espelhos. Neste instante não tenho nenhum controle sobre ela. Eu a odeio (CUNHA, 1985, p.40).

Ao ver seu corpo em frente aos espelhos, o corpo nu que desponta não pode ser aceito como dela própria. Ela não consegue reconhecer o menor resquício de sexualidade como algo intrínseco a ela. A Mulher no espelho não quer permitir que o sexo faça parte de sua individualidade, pois ele lembra a escritora e o sentimento entre elas é de ódio.

5.2 Questionamentos

A Mulher no espelho, sendo um duplo da Mulher que escreve, é resignada e acredita que a partir desse modo de se portar, ela conseguirá mudar algo ou manter algo em sua vida. O confronto direto não faz parte de sua conduta:

Sou paciente. Brando ficar em pronto estar. Consinto consentida, com paciência posso aceitar as pessoas, também a mulher que me escreve. [...] Renunciando ao que eu quero, posso viver o que eu quero. Benigno descontar de escarpas. Paz com meu marido e meus filhos (CUNHA, 1985, p.80).

Ao que mais uma vez esse tipo de posicionamento é muito mal visto pela mulher escritora, que sempre foi forte e transgressora: “*Você chama de paz a sua aptidão para se anular.*” (CUNHA, 1985, p.80, grifo do autor) A visão da Mulher que

escreve é sempre de que a protagonista da narrativa anula a si própria em sua vida particular, resignando-se e calando-se para não ter de lidar com transtornos maiores.

Entretanto, a Mulher no espelho tem uma visão mais pacificadora da vida e das relações. Sim, ela deseja evitar os conflitos, mas para tentar viver em paz. Somar através do amor e não da criação de mais ódio e mais caos:

Preciso de uma explicação razoável para a agressão das pessoas. Viver é agredir e ser agredido. Só se torna possível a convivência pacífica, quando alguém se reduz ao capricho de alguém. Ou disparamos contra o outro as nossas frustrações ou aceitamos os golpes que nos abatem. Por quê? Por que em todo relacionamento há sempre um que pisa e outro que se achata? Por que nos repelimos tanto, se dependemos tão integralmente uns dos outros para sobrevivermos? Por que nos odiamos tanto, se precisamos visceralmente do amor? Será o ódio um modo de amar? Será por amor que me odeiam tanto? Meu marido. Meus filhos. E eu? Será por ódio que eu amo a minha família? O que sinto quando amo? (CUNHA, 1985, p.91).

Há um pouco de confusão de sentimentos em meio a esse desejo de viver em paz, pois a Mulher no espelho a cada momento demonstra não se sentir amada, não sabendo qual é a verdade que permeia sua vida e suas relações. Ela confunde inclusive o sentimento de amor com o sentimento de ódio, afinal, nada em sua vida é claro e bem definido.

5.3 A faísca para uma grande mudança

A Mulher que escreve está cansada da submissão completa da outra mulher ao seu marido e seus filhos. A escritora, sendo um ser livre em todos os âmbitos de sua vida, acaba sofrendo ao redigir uma história tão fechada e tão limitada quanto é a da Mulher no espelho. Tomada pela angústia e por nunca poder evitar o tom de julgamento ao aconselhar a mulher que está sendo escrita, a Mulher que escreve é o estopim para a transformação da vida resignada que leva a outra. Ela não gera apenas o caos, mas abre também os caminhos para o estabelecimento de uma nova ordem. O árduo trabalho de argumentação e convencimento, até o momento, não havia surtido grandes resultados, exceto um conflito constante entre as personagens, no entanto, algumas indagações e um tom questionador-desafiador deslocam o acomodamento e novos fatos surgem:

Vá embora. Por que você não se arrisca? Por que não dar a você mesma uma oportunidade? Vá embora. Deixe o seu marido. Basta de humilhações.

Você não pode fazer mais nada por seus filhos. Está na hora de se conceder uma nova modalidade de vida. Ou será tarde demais. Você supõe que a sua presença é indispensável para a sua família. A sua ausência será mais saudável. Para você e para eles. Coragem, mude de vida. Você sabe como conseguir trabalho. Vá embora. Não queira depender do seu marido para sobreviver. Mostre a você mesma que você pode decidir a sua vida. Parta agora. Ou será tarde demais (CUNHA, 1985, p.92, grifo do autor).

A partir de tais provocações por parte da Mulher que escreve, a Mulher no espelho, que estava sozinha no aconchego de seu lar, no local onde ela finalmente sente-se bem, afirma: “Posso habitar o espaço do meu espaço. Fujo-me dos relógios e das datas. Sento-me no meu canto do quarto, junto às pequenas coisas de que gosto e não gosto, minhas coisas, meus pertences [...]” (CUNHA, 1985, p.93). Desse espaço, a personagem é chamada pelos sons do carnaval que surgem das ruas e ecoam ao longo de seu apartamento, convidando-a à mudança. Ela sai de sua zona de conforto e vai de encontro ao meio da multidão. Ela que nunca pôde participar de bailes de carnaval por proibição de seu pai ou de seu marido, agora é puro suor, calor, cheiros, folia, som alto e vive tudo mais que atormentava seus ânimos já tão desgastados. Entretanto, não demora muito e ela encontra-se incomodada com o carnaval, de onde acaba por fugir.

Ao retornar, para seu lar, seu porto-seguro, a Mulher no espelho dá-se conta de que está totalmente sozinha, pois o marido não retorna desde o início do carnaval e a quarta-feira de cinzas já está correndo a passos largos. Os filhos também não estão em casa, e pior: o filho mais velho foi internado em um sanatório, por conta da dependência química. O filho do meio foi preso por tentativa de homicídio do próprio amigo. E o filho caçula está constantemente embriagado. Dessa forma, diante desse quadro de total abandono, só o que resta são os autoquestionamentos:

E eu? Eu teci dia após dia o meu fracasso. Tenho culpa? Sou inocente? Fiz o que pude. Sacrifiquei a minha vida e a minha morte, ofereci os meus pés aos ratos, entreguei as duas faces ao tapa, enterrei o meu rosto atrás dos espelhos (CUNHA, 1985, p.103).

Neste momento, a desordem está instaurada na vida da Mulher no espelho. Pela primeira vez, ela percebe o fracasso de todas as suas investidas para ser a melhor esposa e a melhor mãe. Seus esforços não alcançaram os objetivos almejados. Assim, como na canção de Chico Buarque (1968), *Ela desatinou*, foi em plena quarta-feira de cinzas que a Mulher no espelho viu: “acabar brincadeira, bandeiras se desmanchando”, entretanto, ela não sambava mais, em verdade, o

samba embalou o seu desatino frente à verdade de toda a construção falha de sua vida conjugal e familiar. Dessa forma, como na letra de Chico: “Ela desatinou,/ viu morrer alegrias,/ rasgar fantasias / [...]” e o seu mundo, que até então, de certa forma, seguia em frente, “desatinou”.

Também pela primeira vez em toda a obra, a Mulher que escreve calou-se. A afiada escritora que expressava opiniões fortíssimas sobre cada detalhe da vida da personagem principal da narrativa, dessa vez, sabia que a ruína estava acontecendo e era inevitável, visto que suas palavras haviam alcançado seu objetivo e qualquer posicionamento de sua parte seria um excesso. Ainda levando em conta a canção de Chico Buarque (1968), observo que a Mulher que escreve, dotada de certa consciência, assume uma postura contrária àquela representada ao término da canção: “Debochando da dor, / do pecado, / do tempo perdido, / do jogo acabado”. O sofrimento da Mulher no espelho frente a tal vazio, legado inexistente da dedicação de uma vida inteira, silenciou a impetuosidade da Mulher que escreve:

Cuspo diante da minha imagem no espelho. Cuspo no meu rosto. Que rosto? A mulher que me escreve apenas me escreve. Não sabe dizer nada. Ela vivia querendo convencer-me do meu fracasso, o vasto fracasso da minha vida. No momento em que me convenço, ela, a mulher que me escreve perde a arrogância. Quero que ela fale. Ela não abre a boca. Afinal, que iria me dizer? Ela também percebe o seu fracasso (CUNHA, 1985, p.104).

A partir da queda, surge a libertação. Por entre os próprios espelhos, finalmente a Mulher no espelho reconhece a si mesma como mulher, como indivíduo independente e livre. Ela percebe que seu corpo já não é mais jovem, no entanto, ela consegue percorrer os menores detalhes e vê sua beleza única, que está lá, a espera de ser notada e apreciada.

A calça comprida cai sobre meus pés inteiros. Tiro a blusa. Estou nua. Solidariamente nua, diante de mim mesma. Diante dos meus espelhos devassados, rasgando as direções do meu corpo. Sinto o arrepio bom que estremece o meu sexo e me sobe até às narinas palpitantes. Nua diante dos meus espelhos. Mas por que nunca eu me havia posto assim? Nua, nuíssima, absolutamente nua, sem medo, sem pudores. Sou eu, eu, muitíssimo eu, gritam infinitamente as imagens assomadas em todas as direções (CUNHA, 1985, p.108).

O pior acontecimento de sua vida até esse ponto, o dia em que ela viu suas certezas serem destruídas, foi ao mesmo tempo um grande marco para a positiva

virada de acontecimentos e de visões sobre sua própria vida e seu corpo. Legitimamente ela encontrou-se consigo mesma:

Uma sensação boa de liberdade percorre as minhas imagens. Apalpo os meus seios, apalpo o meu sexo. Vivos. Ansiosos. [...] Olho fixamente. Sorrio mais no meu sorriso lúbrico e me reconheço. Não, não é a mulher que me escreve, quando me acenava de outras vezes e me assustava. Sou eu, eu mesma, sem susto, sem medo. Sustos e medo, neste momento, sente a mulher que me escreve (CUNHA, 1985, p.108).

Enquanto a Mulher no espelho está mais viva do que nunca antes havia estado, a Mulher que escreve está passando por um momento de solidão e angústias, pedindo a solidariedade da protagonista da narrativa que, entretanto, não se comove:

A mulher que me escreve deseja agora a minha companhia, para não se sentir sozinha. O peso dos nossos ódios nos daria a medida da nossa solidão. Não quero. Tarde demais. Quando eu precisei dela, recebi desprezo e zombaria, risadas de sarcasmo, crueldade. Escarpa de cardos. Mergulho na solidão dos meus espelhos e invento o meu corpo, desdobrado no espaço, redimido no tempo (CUNHA, 1985, p.109).

Acompanhando desde o princípio o relacionamento tortuoso de ambas, não é de se admirar a atitude da Mulher no espelho. Ela retribui o tratamento frio anteriormente dado pela escritora a ela, seria respeitável, porém, incomum que ela ignorasse tamanha mágoa. De acordo com Rank (1939, p.127), o duplo tem a tendência a ter problemas de enfrentamento com o outro: “O Narciso revela semelhante atitude, em relação à sua própria personalidade: amar a si mesmo, porém contra esse amor exclusivo, manifesta-se uma revolta, sobre a forma de medo e repugnância ao seu próprio reflexo”. E com relação ao espelho citado pela protagonista no excerto anterior, o espaço especular não assusta mais a Mulher no espelho, pois deixou de mostrar aquilo que ela não reconhecia, ela mesma refletida e recriando-se no espaço e na multiplicidade dos espelhos.

Mulher no espelho passa a se sentir legítima, começa aos poucos a descobrir a verdade de sua vida e decide não aceitar mais a vontade alheia, senão a dela própria: “Eu vou virar a mesa. De agora em diante estou livre de todo e qualquer preconceito. Preciso de gozar a vida da qual fui banida. Continuarei a criar a minha realidade de independência da mesma forma que inventei a minha submissão” (CUNHA, 1985, p.111).

5.4 A narrativa espelhada e as mulheres invertidas

Helena nos presenteia com uma obra que é um espelho na forma da organização dos fatos. Há uma ruptura na metade da narrativa, em que as personagens acabam por trocar completamente seus papéis, invertendo suas imagens e atitudes tal qual um espelho faria. De acordo com Freud (1974, p.252): “o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (*self*), ou substitui o seu próprio eu (*self*) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (*self*)”. No caso da Mulher no espelho e da Mulher que escreve, embora sejam aparentemente opostas, elas identificam-se uma com a outra e são de fato complementares, havendo a troca do *self* entre elas. Segundo Pedrossian (2005 apud PEDROSSIAN, 2008, p.418):

O mecanismo da identificação – processo psíquico pelo qual o indivíduo apreende os atributos do outro e modifica-se, total ou parcialmente, conforme o modelo introjetado – é de vital importância, pois o eu se constitui mediante as identificações que o indivíduo estabelece no decurso de sua vida: tornar a si o outro.

Aquela que era submissa, pudica, que sofria de remorsos pelo passado e carregava muitos medos pelo futuro tornou-se a outra mulher, totalmente destemida, orgulhosa de sua sexualidade, e que por conta de tanto tempo de inibição, passa a ter necessidade urgente de desbravar novas possibilidades, oportunidades e experiências das mais variadas. A Mulher no espelho ansiava por um toque masculino, não do ex-marido, ao qual ela tinha repulsa, mas de um homem que a desejasse verdadeiramente e ao qual ela não pudesse resistir à mínima distância.

Alegria que nunca suspeitei pudesse existir, alegria plena de ser mulher e me sentir desejada, totalidade na entrega a um homem que não é balofo, nem sua, nem baba no orgasmo. Descoberta do prazer. O prazer natural. O prazer do prazer. Animalidade saudável, sem reservas, sem subterfúgios. Um homem e uma mulher à beira do farfalhar da mangueira milenar, longe dos girassóis do quintal da casa paterna (CUNHA, 1985, p.114).

Ao transmutar a obra na forma do espelho, Helena liberta a Mulher no espelho, que se permite viver todos os anos perdidos pela repressão masculina em sua vida e acaba por experimentar as novidades sem receios. O homem ao qual ela se refere no excerto anterior não é ninguém menos do que um dos amigos de seu ex-marido, um corretor de seguros:

Apesar de amigo do meu marido, sempre guardava para mim certos olhares que me confundiam, me fazia desviar os olhos, encabulada. Quer saber como estou, se me falta alguma coisa. De noite virá me trazer os folhetos e os formulários de um seguro de vida. Nunca pensei em seguro de vida (CUNHA, 1985, p.112).

Os dois passam a manter encontros sexuais durante um tempo que não é possível inferir, pois, Helena trabalha muito com um tempo predominantemente psicológico. A protagonista finalmente deixa em seu passado as amarras que haviam imposto à ela durante tanto tempo nos campos da sexualidade:

Na verdade, estou saturada de zelos e pruridos em nome dos bons costumes e da moralzinha burguesa, onde me criei, toda preocupada com as aparências, com o recato da mãe de família, com o donzelismo das filhas. Como se as mães e as filhas não tivessem sexo nem ardessem de legítimo desejo ante o macho sadio e normal (CUNHA, 1985, p.116).

Apesar de desfrutarem dos bons momentos juntos, há algumas brigas, pois, a Mulher no espelho quer andar acompanhada por seu novo acompanhante em locais públicos, porém, ele é casado e tem filhos, dessa forma, tem uma imagem a zelar. Nada disso interessa à Mulher no espelho, pois, neste momento ela está livre e quer viver sua liberdade ao extremo, nada lhe importa:

O amigo teme ser visto comigo. Os seus problemas de família, a esposa, os filhos. Além de amigo do meu marido. Muito escrúpulo, muito esquema. A mim nada disso importa. Não quero mais continuar confinada no apartamento. Em breve terei muitos amigos. Sei a quem poderei telefonar para iniciar os meus objetivos. Frequentar ambientes que nunca frequentei, meios de intelectuais e artistas, onde talvez alguém se interesse pelos meus escritos, tantos anos escondidos (CUNHA, 1985, p.117).

Ela estava certa, entrou para os meios boêmios, intelectuais e artísticos, apresentou seus escritos, até então desconhecidos, e passou a ser sucesso entre os grandes nomes com os quais teve contato e iniciou uma convivência. O amigo de seu ex-marido começa a demonstrar ciúmes e também começa a tentar coibir as grandes quantidades de álcool consumidas em cada encontro com seus amigos da noite, ao que a Mulher no espelho se impõe fortemente e não aceita suas cobranças e limitações, uma vez liberta das opressões, ela jamais aceitaria qualquer outra: “Quero que você me apresente àquele seu amigo pintor. Quero que me apresente àquele seu amigo poeta. Não. Sim. Telefone para quem eu quiser. São meus amigos. [...] Eu bebo quanto eu quiser. Sim. Não. [...]” (CUNHA, 1985, p.122). É interessante a forma com que Helena transcreve os diálogos da Mulher no espelho

com o amante, assim como acontece em outros momentos da obra, a sequência de ideias que é possível ter acesso na íntegra vem da voz dela, e as sequências dos diálogos aparecem apenas através das respostas dos seus interlocutores, minimizando o contato do leitor com os outros personagens, como que diminuindo a importância de suas ideias. A partir das respostas já podemos compreender a ideia geral, como se somente a voz da Mulher no espelho interessasse.

Nessa nova fase vemos a Mulher no espelho transitar por diferentes ambientes, noturnos e diurnos, Helena nos transporta para meios de muita música, repletos de muita gente, conversas em tons altíssimos e muita bebida. Tudo isso sendo intercalado com os períodos de solidão no apartamento, os sons e a brisa do mar invadindo janelas adentro, o calor e o cheiro de manga madura. Além disso, há o sexo, o suor, o gozo, a infinitude do momento do prazer mais intenso e profundo. Há uma mulher vivendo os dias em suas totalidades, o tempo torna-se díspar do restante do mundo. Não há mais quem possa segurar ou impor limites à Mulher no espelho, ela já perdeu tudo, livrou-se de tudo que a aprisionava, agora nem mesmo o tempo pode conter seu sangue que ferve.

Enquanto isso, a Mulher que escreve torna-se o estereótipo de tudo aquilo que sempre foi alvo de suas críticas ferozes em relação à Mulher do espelho. Helena nos relata a existência de um certo professor de biologia, recém-formado, que ministrava aulas para a turma da Mulher que escreve, e ela muito ousada, vivia provocando o rapaz. Abria o botão da blusa, debruçava-se na mesa dele, e o professor muito discreto e educado, apenas ficava em um pleno vermelhidão, porém não cedia e não olhava, mesmo querendo fortemente olhar. Durante dois anos as provocações continuaram. Até que em um certo dia ela vai até a casa do professor, atira-se nos braços dele, tentando de todas as formas fazer com que o tímido professor a tomasse junto de si, que ele desse um passo à frente, porém, o professor manteve-se íntegro e pediu-lhe que não fizesse mais aquilo, para diversão e, em certo ponto, decepção da perversa aluna. Helena nos conta que ao longo de anos, pela vida da Mulher que escreve, muitos homens passaram, no entanto, pela vida do professor de biologia, nenhuma mulher passou. A Mulher no espelho ao contar desse caso de atrevimento afirma que a outra mulher não pode continuar escrevendo a história da Mulher no espelho se não tiver uma companhia, ela está desesperada, arrependida e com remorsos: “Ela precisa de alguém que a ajude a carregar a própria culpa” (CUNHA, 1985, p.142). Através dessa simples descrição da

Mulher que escreve, nós, leitores, já podemos perceber a mudança comportamental que se anuncia, pois, a Mulher que escreve jamais demonstraria desespero ou arrependimentos em um termo comum. A mulher que facilmente apresenta suas falhas e dissolve sua personalidade em autojulgamento é a Mulher no espelho, e não a nossa escritora, esta é forte e firme em suas convicções, ela sabe muito bem apontar o dedo para a outra, nunca para si mesma. Essa mulher dura e decidida **era** a Mulher que escreve, neste ponto da obra Helena já inverteu as duas faces do espelho.

E os prenúncios confirmam-se, a Mulher que escreve também muda de atitudes e de personalidade, a mutação no formato de livro-espelho está completa, casualmente ela reencontra seu ex-professor de biologia e a descrição da cena não é nem próxima do que poderia ser imaginada levando-se em conta as abordagens ousadas do passado da Mulher que escreve:

Ele ainda mais vermelho. Ela sem rir. A blusa fechada até o pescoço, como está passando o senhor? Telefonemas circunspectos, visitas cerimoniosas, licor de jenipapo feito em casa, vejam bem, a blusa abotoada até o pescoço, resolveram se casar (CUNHA, 1985, p.143).

A antiga paixão de colégio concretiza-se em um verdadeiro matrimônio, tão verdadeiro que segue os padrões da época e é o reflexo perfeito do casamento da Mulher no espelho antes de tal virada da narrativa. A Mulher que escreve agora tem as mesmas atitudes submissas ao marido, que tanto ela havia julgado na postura da Mulher no espelho:

Quando ele volta para casa, depois da aula, tira o paletó e a gravata, veste o pijama de listinhas. Ela, muito solícita, aqui está seu chinelo, você quer leite ou água? Ela prepara o jantar como ele gosta, pouco tempero, nenhuma gordura, comidinha de dieta, por causa da úlcera dele. Depois do jantar, vão ver televisão, sentados juntinhos no sofá da sala. De vez em quando ela pergunta se ele quer um copo de leite (CUNHA, 1985, p.143).

Essa nova postura da Mulher que escreve é uma mudança de vida e de perspectivas, porém em momento algum há o apagamento do passado. Ambas as mulheres passaram por uma transformação especular sem esquecer de suas antigas identidades e personalidades. Otto Rank (1939, p.14), trabalha com a ideia da inseparabilidade do passado de um indivíduo: “o passado de um indivíduo está ligado tão intimamente à sua existência, que se tornará desgraçado se tentar desligar-se dele”. Tal dependência pode ser um pouco dolorosa ao realizarem

comparações do presente com o passado, mesmo que aconteçam de maneira velada. Em determinado momento, depois de todas essas mudanças, Helena (1985, p.152) traz a Mulher no espelho observando seu reflexo: “Conheço o vento que vem do mar e o meu olhar fixo, na fuga dos espelhos. Vejo um rosto cansado emergir do roupão. A mulher que me escreve está ali”. Nas palavras seguintes da Mulher no espelho, a outra “ainda não quer confessar a sua decepção, cansaço e tédio.” (p.152), ela não confessará nada disso, porém, ao compararmos a antiga vida dessa mulher com a atual, esses sentimentos são mais do que compreensíveis, afinal, a mulher livre e independente de outrora, agora é comprometida com apenas um homem frio, sendo totalmente submissa a ele. Ela jamais poderia ser feliz dessa forma, porém, assim como muitas mulheres de todos os séculos anteriores ao nosso, e tal como ainda ocorre hoje, por inúmeros fatores, ela se manterá casada, seja por status social, seja para manter a imagem respeitosa perante a família, ou por dependência financeira. Inúmeros são os motivos pelos quais tantas mulheres, ao longo da história, enfrentaram casamentos fracassados e enfadonhos, quando não ainda violentos, como ocorreu com a antagonista desta história. A Mulher no espelho também carrega o ideal de tal obrigatoriedade de manter o casamento:

Se ela não sustentar a ilusão do seu casamento, sucumbirá. Não conseguirá mais me escrever. Vivemos de nossas próprias mortes. Ela dizendo sim. Eu dizendo não. Nossa ilusão nós devemos vive-la até o fim. Até fechar o círculo. Ou até abrir, para recomeçar. Só recomeçamos o que acabamos (CUNHA, 1985, p.152).

A partir dessa defesa de ponto de vista feita pela Mulher no espelho, podemos pensar no antigo casamento dela própria. Por tanto tempo ela sustentou um casamento fracassado e infeliz, e uma possível resposta agora se descortina, ela manteve a **ilusão** de seu casamento. Rosset (2008, p.17) define que:

Na ilusão, quer dizer, na forma mais corrente de afastamento do real, não se observa uma recusa de percepção propriamente dita. Nela a coisa não é negada: mas apenas deslocada, colocada em outro lugar. Mas no que concerne à aptidão para ver, o iludido vê à sua maneira, tão claro quanto qualquer outro.

A Mulher no espelho sentia-se responsável por manter aquela situação, a qual ela não negava, apenas deslocava seu real sentido, até que o verdadeiro fim se aproximasse, até que o círculo se fechasse naturalmente. De fato, isso ocorreu e o recomeço, um dia, finalmente surgiu. Por isso, ela passa a viver sua liberdade

intensamente, pois não sente remorso algum da forma com que tudo se encaminhou. Ela não precisou tomar as rédeas do relacionamento desgastado, ele se acabou sozinho e sua vida pôde recomeçar. A Mulher no espelho finalmente pôde livrar-se dos ratos.

É interessante como neste novo estágio da obra quem percebe o machismo latente nas relações é a Mulher no espelho. Ela aponta que a Mulher que escreve tem outros motivos para deixar de escrevê-la: é que o marido dela não pode saber que ela está escrevendo. Ele não permitiria. A Mulher no espelho critica a outra: “Ela acha que deve achar que sempre deve estar pronta e de prontidão para o magricelo machismo do marido professor.” (CUNHA, 1985, p.155). Contudo, a escrita não para, a Mulher no espelho tem necessidade de ser escrita e a outra tem o dever de escrevê-la, assim como quem expurga demônios.

A emancipação da Mulher no espelho é totalmente compreensível, porém a mudança nas atitudes da Mulher que escreve pode ser muito questionável, partindo do princípio que ela já vivia livremente e era bastante transgressora para sua época. Pode surgir, então, a dúvida de como se justifica a ocorrência de tal retrocesso, tanto que ela passa a aceitar, de certo modo, atitudes machistas de seu marido. No entanto, acredito que as mulheres na obra são tão intrinsecamente interligadas uma à outra, que desse modo, mesmo invertendo seus papéis, elas continuam compartilhando seus anseios, mesmo os mais inconscientes. Outro fator relevante, que pode explicar o declínio da independência da Mulher que escreve, são as expectativas e exigências da sociedade opressora em que viviam. Para uma mulher se tornar respeitável e para ser aceita nos grandes grupos sociais, ela deveria, em determinado momento de sua vida, casar-se. Um posicionamento feminino estável poderia ser alcançado através de um casamento monogâmico e futuramente o nascimento de filhos.

Assim, Helena aponta a fragilidade da liberdade e da autonomia adquiridas pelas mulheres na década de 1970, época ainda muito marcada pela tirania e intromissão da sociedade na vida particular feminina.

5.5 A hipocrisia sem disfarces

Após o estopim causado pela Mulher que escreve e a mudança completa na obra e nas personagens-duplas, podemos perceber que seus discursos se tornam

permeados por uma hipocrisia latente. Lê-se nas críticas de uma das mulheres, tudo aquilo que ela mesma era anteriormente criticada pela outra. É certo que para manter a verossimilhança interna na obra-espelho, Helena precisava não apenas modificar a personalidade de cada uma delas, mas também seus posicionamentos perante a vida, suas falas, suas defesas e ataques.

A Mulher no espelho, a partir de agora, pratica um discurso de total libertação, sexual e moral. No entanto, surpreendentemente, a Mulher que escreve reproduz um discurso moralista que remete as memórias do leitor à antiga personalidade da Mulher no espelho, que julgava a tudo e a todos. Tanto elas inverteram seus papéis que a Mulher no espelho debocha dos ratos que hoje deixam de roer seus pés, porém passam a conviver com os pés da Mulher que escreve: “A mulher que me escreve tem os pés roídos de ratos. Ela olha os meus pés roídos e cai. Eu acho muita graça porque não acredito em ratos. Eles não existem. Ratos são apenas um mecanismo psicológico. Nunca houve ratos” (CUNHA, 1985, p. 130). Neste momento, a protagonista faz aquela metáfora desaparecer, como se fora apenas um pesadelo de uma noite e não um drama que a acompanhou durante toda a infância e sua vida adulta.

A Mulher que escreve, por sua vez, critica a Mulher no espelho por ela ter trocado o amigo do seu marido, o corretor de seguros, por outros homens:

Você não pode continuar a levar esta vida irregular, ora com um, ora com outro. Você parece ter esquecido aquele infeliz, que quase matou a esposa e o filho por sua causa. Você precisa regularizar a sua vida. Precisa pensar nos seus filhos. Eles estão precisando de você mais do que nunca. Eles se sentem envergonhados ante o seu procedimento irresponsável de mulher libertina e licenciosa, que faz do sexo não um motivo de prazer, mas um modo de afirmação, para provar a você mesma que é capaz de interessar os homens todos que aparecem na sua frente [...] (CUNHA, 1985, p. 134).

Esse comentário por parte da escritora escancara ainda mais a hipocrisia vivida e reproduzida pelas duas mulheres. Afinal, era a própria Mulher que escreve que em sua juventude viveu amores tórridos e passou por diferentes camas acompanhadas de muitos homens, sem preocupar-se com as críticas da família e da sociedade. Agora ela está fazendo cobranças à mulher a quem ela escreve. O desejo da Mulher que escreve, de que a Mulher no espelho pense em sua família, chega ao ponto de soar ofensivo, pois é como se ela oferecesse novamente as antigas algemas que prenderam a Mulher no espelho ao longo de uma vida inteira.

A Mulher no Espelho sente-se superior à Mulher que escreve e responde às exigências dela:

A mulher que me escreve tem inveja de mim. Tem inveja dos homens que me admiram. Tem inveja dos meus trabalhos literários. Ela não suporta a ideia de eu ter assinado contrato com uma grande editora. Ela sempre frequentou ambientes intelectuais e artísticos, mas nunca pôde escrever nada de sério. Sabem por quê? Porque não viveu a sério. Sempre foi leviana. Eu vivi a sério as maiores mentiras do meu engano. Errei a sério. Errei com responsabilidade. Ela acertou levianamente. Quando acertou. É o maior dos erros. (CUNHA, 1985, p.135)

A Mulher no espelho livrou-se do peso das culpas, tanto que encara os ratos jocosamente. Ela passa a viver a liberdade em sua plenitude, pois acredita que quando errou foi pela mais simples tentativa de acerto. Assim como ela levava a sério as situações que surgiam em sua vida de casada, ela leva a sério sua emancipação, mesmo com toda a pressão feita pela Mulher que escreve.

5.6 Encontro final das mulheres e o desfecho da obra

No momento final da obra, as mulheres passam por um acomodamento de sentimentos, ocorrendo um descortinamento das ilusões que pairam em suas vidas, desde a troca dos lados da obra-espelho e elas paralisam suas vidas para experienciar essa espiral de emoções que as invadem.

Em meio à madrugada, o filho caçula da Mulher no espelho procura a mãe desesperadamente. Ela, imersa em seu íntimo, suas lembranças, nostalgias e seus desejos, não quer levantar do lugar onde está para atender a porta, nem a interessa saber quem é. Ela está imobilizada em sua noite sem tempo, sem companhia, segundo Helena (1985, p.168), “noite sem raiz”.

A partir de tamanho desespero da pessoa que batia à porta, ela ouve mais atentamente:

A voz nervosa de meu filho caçula. Gritando do lado de fora. Há quanto tempo não escuto chamar mamãe. Há quanto tempo não digo mamãe. O que será que meu filho quer? A voz alterada. Por favor, abra. Não me mexo. Pelo amor de Deus, abra. Você está em casa. Não me mexo, imobilizada na minha noite sem espera. Ele batendo, gritando. Deve estar armado. Deve estar bêbado. Deve estar querendo me matar. Meu cansaço me paralisa. Não mexo um músculo (CUNHA, 1985, p.168).

A Mulher no espelho não abre a porta, mantém-se presa em sua redoma de sentimentos mesclados. Ela diz não ter forças para enfrentar o filho e a situação que se desenha à porta de seu apartamento. Pergunta-se o motivo pelo qual o rapaz

estaria ali, se estaria fugindo de alguém, correndo algum perigo. Mesmo com esses temores, ela não age. E a partir da negligência da Mulher no espelho em não atender seu filho, de dentro da sua redoma, ela escuta:

Barulho apressado de vozes na rua. Dois homens falando, gritando, brigando. Conheço estas vozes? Vozes cravadas na noite suspensa. Tiros riscando a noite. Muitas vozes no silêncio escorregadio. Movimento na rua madrugada. Não me mexo. Um vento visguento me sopra um cheiro de coisa podre (CUNHA, 1985, p.169).

Uma tragédia ocorre, a Mulher no espelho liga o rádio: “[...] Não escuto o que escuto. Morte na madrugada. Jovem tresloucado. Reputação da mãe. Atirou. Fugiu. Encontrado o corpo” (CUNHA, 1985, p.169).

Em meio a sua própria redoma, a Mulher que escreve abre os olhos para o que sente em relação ao marido professor:

Ela saiu e não voltou para jantar. Ela não quer mais dormir com o marido professor. Os ossos graves dele furam o corpo gasto dela. Ela não sabe o que esperar. Ela não sabe o que não esperar. Agora, na sala, os ratos começam a roer os pés dela. Ela tem remorsos do nojo que sente daquele homem magro e seco andando pela casa, metido no pijama listado, ramela nos olhos escondidos atrás dos óculos, cheiro de desodorante barato (CUNHA, 1985, p.169).

Ambas as mulheres estão vendo suas verdades esfacelarem-se, o brilho e as ilusões de suas vidas estão a se apagar. Os ratos retornam, dessa vez para ambas: “Não posso andar, os pés roídos de ratos. De noite eles vêm. Ratos reais. Roendo os meus pés. Roendo o meu sexo. A mulher que me escreve está sentada, também sem poder andar, os pés roídos de ratos. Ratos reais” (CUNHA, 1985, p.170).

Como não poderia ser diferente, a Mulher no espelho surge com acusações, culpando a Mulher que escreve de ter decidido não abrir a porta para o filho caçula. Ela acusa a escritora de ter matado seu filho. Em verdade, mais uma vez ela não consegue lidar com a sua própria culpa e repassa para a outra. Ato típico dela própria em toda a narrativa.

A Mulher que escreve diz que não quer mais escrever a protagonista. Ao que a outra diz não se importar, pois: “Minha história vai terminar. Tudo que eu poderia querer, já quis. Acabou” (CUNHA, 1985, p.170).

No desfecho da obra as duas mulheres estão juntas, finalmente unidas, reconhecendo-se através dos espelhos:

Agora estamos paradas, uma olhando para a outra, os pés roídos de ratos. Os espelhos multiplicam as imagens até o infinito. Mas nosso remorso nos une. [...] Meu rosto no espelho é o dela. Ela sou eu. Eu sou ela. Ombros envergados. Olhar arriado. O cruzamento eu-com-ela fechou-se no estreito eu-comigo. Somos apenas uma. Somos eu (CUNHA, 1985, p.171).

A Mulher no espelho finalmente abre as portas da percepção e desvela a verdade que pairava desde o princípio, mas era negada cegamente. Elas são apenas uma única mulher, elas são a Mulher no espelho. A heterotopia existia a partir de apenas um dos lados do espelho. O duplo existente agora apresenta a sua real origem: a menina reprimida, a menina-de-papelão, a mulher submissa, a mulher reinventada. Ela, agora, é a mulher una. E admite: “EU. Convergência esmagadora. Os espelhos reluzem insuportáveis. Gelados. Olho mais do que eu olho. Olho no olho. Fundamento. Eu escrevo o que escrevo. EU” (CUNHA, 1985, p.171). Momento único, fato consumado, a Mulher no espelho era a escritora da própria história.

Helena pinta o final de *Mulher no espelho* (1985) com maestria, presenteia os leitores com uma amálgama de sentimentos, luzes, revelações. Para o momento derradeiro ela traz os espelhos e os relâmpagos, a natureza fazendo parte do espetáculo derradeiro entre duas mulheres descobrindo-se uma:

A tempestade. Os espelhos abertos. A janela aberta. Um raio rápido e súbito risca o céu escuro. Os espelhos caem estilhaçados. No chão, pedaços de espelho molhados de sangue. [...] Olho um rosto inteiro num pedaço de espelho. Um rosto só. Não identifico o cheiro que o vento traz. Meu rosto. Inteiro. Sou EU (CUNHA, 1985, p.171).

6 O UNIVERSO MASCULINO AUTORITÁRIO NA OBRA E FORA DELA

*Estou firme e forte,
senhora das minhas guerras,
do meu corpo,
da minha sorte.
Eu.*

(Helena Parente Cunha)

Na obra *Mulher no espelho* (1985), é possível notar diferentes situações de submissão em que são postas as personagens. A narrativa situada no Brasil de 1970 relata fortemente as amarras da tradição machista em que viveram as mulheres da época, e Helena traz essas questões como forma de denúncia social vivida por ela própria, para além de escritora, primordialmente como mulher. O meu intuito não é o de analisar a obra de Helena Parente Cunha através de um olhar tendendo a uma análise da vida da autora, porém, é impossível ignorar alguns fatos que ela própria relata em seu ensaio *A Mulher Partida: A Busca do Verdadeiro Rosto na Miragem dos Espelhos* (1997), tal como:

Ao contrário dos poemas, quase todos os meus contos e os dois romances tratam da representação ficcional da minha vivência na ordem falocrática, marcada a ferro e fogo em mim e em tantas mulheres pela opressão asfixiante da distinção hierarquizante dos gêneros (CUNHA, 1997, p.114).

Desse modo, observo neste capítulo alguns excertos da obra em que ocorrem esses relatos-denúncia da vida das personagens, especialmente a *Mulher no espelho*, e relaciono com a realidade social do passado e a atual.

A primeira relação de submissão estabelecida na vida da *Mulher no espelho* é com seu pai autoritário. Há uma forte lembrança da obrigatoriedade de ir a uma festa do amigo de seu pai, em que ela, ainda menina, é apresentada como o pequeno troféu de um pai que posa ao lado de sua família bem estruturada e aparentemente feliz:

Você tem que ir, é o amigo de seu pai, é um colega de trabalho, não fica bem você faltar, esta menina está ficando com um problema sério, se eu não quero por que sou obrigada? depois você diz que não passeia e não vai a lugar nenhum, não se discute mais isso, cale esta boca, você já falou demais [...] (CUNHA, 1985, p.47).

A *Mulher no espelho* sempre foi a menina que nunca pôde ter gostos pessoais e muito menos tomar decisões próprias; era obrigada a obedecer e realizar cegamente as ordens de outros, principalmente do pai, a voz do comando familiar.

Um episódio muito marcante na obra, pela violência que ele revela e pela realidade brutal de uma época em que as mulheres não possuíam o direito de expor seus dramas, é quando a Mulher no espelho, ainda menina, aproveita que seu pai está doente, em recuperação no quarto fechado, e pinta os lábios com um bonito batom vermelho para ir ao cinema com uma amiga. Pintar os lábios era um hábito natural das jovens de sua idade, porém, seu pai a proibia. Quando ela está saindo de casa, o irmãozinho mais novo percebe o batom e a denuncia para o pai, como é possível ver no recorte:

O quarto no escuro, ele não tinha visto que você estava de batom, se lembra? Então seu irmão que não ia ao cinema com você, disse papai ela está de batom. Você se lembra? Seu pai mandou abrir as janelas, o que é isto? Sua mãe saiu de perto. Seu pai pegou uma toalha de rosto que estava perto da cama, uma toalha felpuda, e começou a esfregar na sua boca, esfregando, esfregando, muito zangado, dizendo que filha dele não ia andar daquele jeito na rua, você não arredava o pé e ainda oferecia mais o rosto para ele maltratar, até começar a sangrar, ele dizendo não é assim que você quer? Está aí, vermelho como você quer, todo vermelho (CUNHA, 1985, p.51, grifo da autora).

Nessa cena, é muito marcante a relação simbólica do quarto escuro com o ato transgressor da jovem, ~~ela~~ que sabe que é algo errado aos olhos do pai e ainda assim insiste em tentar burlar tais regras. Também é muito revoltante a presença do irmão mais novo sendo um pequeno delator, um representante do machismo paterno perante as atitudes da irmã. E o objeto de marca mais emblemática da situação é o batom, detentor de tamanha força de simbologia feminina, é com muita energia que o pai da Mulher no espelho não deseja deixar florescer. O batom, especialmente o vermelho, ainda é muito mal interpretado em sociedade, por deixar a mulher ainda mais atraente e por provocar a atenção de homens e mulheres, ele é considerado erroneamente como uma marca de uma “mulher fácil”, assim, tanto na década de 1970, quanto hoje, a mulher passa a ser perseguida por uma cor diferenciada em seus lábios, assim como também é perseguida por vestir uma roupa considerada “ousada” ou por ser muito simpática, além do nível “aceitável”.

Tal lembrança violenta é feita pela Mulher que escreve, ela é que relembra e reafirma os horrores cometidos pelo pai da Mulher no espelho, ao que a protagonista rebate e não quer admitir:

Não foi bem assim. Ele tirou o batom da minha boca, mas não de propósito fez sangrar [...] Meu pai não mudou muito o dogmatismo de meu avô. Mulher que se pinta, é mulher da vida. Minha mãe nunca usou um mínimo

de pintura no rosto. Por que iria ser diferente comigo? Minha transgressão (CUNHA, 1985, p.52).

Ela, nesse momento, aceita as ordens de seu pai, justamente porque as regras seguiam a tradição, essas atitudes e pensamentos foram aprendizados herdados de seu avô, então, passível de perdão e aceitação.

A Mulher que escreve acusa a outra de nutrir um profundo ódio pelo pai, que é totalmente ocultado, ao que essa afirmação é veementemente rebatida, pois a Mulher no espelho diz que o ódio foi transformado em amor. A Mulher que escreve não aceita: “Você o odiava. Ninguém ama aquele que mutila no outro a capacidade de amar. Você estava amputada, decepada do dom de amar. Você se pertencia em ódio” (CUNHA, 1985, p.53). A Mulher no espelho tem um certo receio de admitir os sentimentos negativos em relação ao pai, uma vez que existe um respeito permeado de medo e culpa, atitudes normais da personagem ao longo de toda a narrativa.

A mãe da Mulher no espelho também é citada, constituindo-se como o modelo de mulher a ser seguido. No entanto, foi uma personagem negativa para a jovem menina. O preconceito com as mulheres maquiadas perpetuou-se na família justamente porque a mãe jamais tentou transgredir tais conceitos. Em todos os momentos em que ela aparece ou é citada, existe uma relação de subserviência, havendo uma anulação da personalidade própria em favor da imagem desejada pelo marido. Essa mulher submissa torna-se um espelho (mais um deles, nessa narrativa permeada pelos reflexos e reflexões!) para o comportamento calado, obediente e servil de sua filha, a Mulher no espelho. Helena, através da voz da protagonista, apresenta uma breve descrição dessa mulher:

A casa de meu pai, abrigo certo, minha dimensão de mundo. Ali, minha mãe se inscrevia, em silêncios e sussurros. Às vezes, quando meu pai não estava em casa, eu a ouvia cantar, em voz baixa, suspiros e olhar perdido. [...] Minha mãe repetia certas frases. Normas de vida. Em primeiro lugar, o marido, em segundo, o marido, em terceiro, o marido. Depois, os filhos. Sim, ela era muito feliz. Toda cheirosa, à espera de que meu pai voltasse do trabalho. Ela o esperava. Perfumes, silêncios, sussurros. Seu sorriso pequeno. Eu olhava. De longe (CUNHA, 1985, p.21).

A Mulher no espelho não esconde o desejo de que gostaria de ser como sua mãe, na idealização da mulher perfeita, porém, irreal:

Eu me impaciento quando chamo meu marido e meus filhos para o jantar e eles não vêm. Eu me impaciento quando eles deixam os sapatos espalhados pela casa. [...] Se me enraiveço com meu marido e meus filhos, sofro depois remorso que me rói até os ossos. Então procuro recompensá-

los de minha falta. Gostaria de seguir o exemplo de minha mãe que nunca perdia a calma com o marido e com os filhos. A não ser quando eu me excedia. Mas aí ela tinha razão (CUNHA, 1985, p.23).

E, assim, ela acaba sofrendo com os remorsos dos autojulgamentos, por acreditar que não conseguia ser como sua mãe, aquela mulher imaculada, que não perde a paciência com a família. Entretanto, o que a protagonista não percebe, é que, na verdade, ela reproduz a postura servil da mãe, enquanto seu marido é uma réplica de seu pai. Os infelizes papéis familiares reestabelecidos.

Embora a protagonista não admita o ódio por seu pai, ela consegue perceber e evidenciar a profunda e penosa presença dele sobre ela e toda a família, conforme o relato que segue:

Meu pai, grande demais, anulava todos ao seu redor. Senhor e dono. Voz de minha mãe não se deixava ouvir. [...] Insignificantes éramos todos nós, em volta dele, todo-poderoso, mandando e antimandando, e nós, aos seus pés, submissos, submetidos, subjugados, submergidos, subtraídos (CUNHA, 1985, p.24).

No ponto em que a *Mulher no espelho* cita que a voz de sua mãe não era ouvida por conta do pai, como entidade suprema na casa, faço novamente relação com as palavras de Helena, em seu ensaio de 1997:

No caso específico de *Mulher no espelho*, talvez aquele meu empenho, que hoje posso chamar desconstrucionista, tivesse surgido com tanta violência, por ter sido a primeira vez na minha vida em que pude falar e dizer o que sentia, certamente encorajada pelo ambiente contestador do momento histórico em vários países e, de modo particular, no Brasil do início da abertura política do governo Figueiredo, após os anos de censura da Ditadura Militar (CUNHA, 1997, p.125).

O pai da protagonista, além de representar o símbolo de homem e pai opressor dentro de uma relação familiar, como era muito comum na época, também é passível de ser analisado duplamente, como sendo uma alegoria da ditadura militar, que a todos calava e, como afirma Helena, “grande demais, anulava todos ao seu redor” (CUNHA, 1985, p.24). E, novamente, podemos perceber o quanto há das experiências vividas por Helena em seu texto, ela sendo uma mulher que ousou apropriar-se de sua voz, antes tão reprimida.

E para completar a existência oprimida pela tirania da ordem falocêntrica na história da *Mulher no espelho*, na fase adulta, ela tem ao seu lado um marido tão opressor, ou mais, que seu pai. Além das atitudes negativas já contempladas no capítulo de análise anterior, esse homem possui uma absurda obsessão pela

juventude e a necessidade de rejuvenescimento da esposa, como se percebe no excerto:

Meu marido gosta de me ver bem arrumada. E mais. Não quer me ver envelhecida. Por um lado isto é muito bom, demonstra seu interesse por mim, seu amor. Dizem que não aparento os quarenta e cinco anos que tenho. Mas as rugas despontam e não é fácil escondê-las. (...) É verdade que este, às vezes, se torna o problema mais sério que tenho a enfrentar. Quando ele põe os óculos, puxa meu rosto para debaixo de uma luz forte e começa a examinar minha pele, em volta dos olhos, ao redor da boca, perto do queixo, debaixo do pescoço, perto da orelha, você precisa dar um jeito. Sim, preciso dar um jeito (CUNHA, 1985, p.30).

A sociedade ocidental centrada nos homens tem uma infinita sede pela beleza e juventude, havendo uma pressão para que as mulheres não demonstrem o menor sinal de envelhecimento, o que é o rumo natural de todos os seres humanos. Essa não aceitação pode ser vista na prática através dos altos índices de cirurgias plásticas no Brasil, em 2015, teve uma soma total de 1.224.300 operações (LENHARO, 2016). Ou seja, apesar das atitudes do marido da protagonista parecerem absurdas demais para serem reais, infelizmente elas são muito plausíveis de ocorrerem fora da ficção. O que é visto na narrativa não passa da anulação dos desejos pessoais em favor das exigências do cônjuge, como uma forma de legitimar a desigualdade de direitos entre os gêneros.

Helena precisou de muita coragem para expor essas problemáticas da vida particular de um casal, que apesar de ser ficcional, representa a realidade da década de 70 no Brasil. Predominava o ideal da divisão entre as dimensões do público e do privado, onde o que ocorria dentro de um casamento não interessava a ninguém mais além do próprio casal ou, como no caso da obra, o poder somente concernia ao homem. Através do relato de Helena, podemos perceber as dificuldades que a escritora viveu ao publicar um romance tão polêmico, bem como tantas outras escritoras que vivenciaram o mesmo:

As escritoras brasileiras que tematizam a violência das relações de poder entre os sexos, sabem que estão pisando em terreno perigoso e precisam enfrentar julgamentos de valor que podem atingir até mesmo sua vida particular. Por causa dos assomos emancipatórios da protagonista de *Mulher no espelho*, fui vítima de algumas propostas, parodiando o famoso filme, nada decentes (CUNHA, 1997, p.113).

6.1 O apagamento feminino e a literatura

A literatura brasileira é composta por grandes autores, muitos deles reconhecidos internacionalmente. São homens e mulheres que dedicam suas vidas às letras, no entanto, inúmeros são os escritores do gênero masculino largamente prestigiados pela crítica, recebendo a maior parcela da atenção dos estudiosos da área, em detrimento do gênero feminino. Segundo Dalcastagnè (2012), entre os anos de 2006 e 2011, dentre os mais notáveis prêmios literários do Brasil (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), 29 autores homens foram premiados em contraste a apenas uma mulher. Através de dados de uma pesquisa coordenada pela mesma autora na Universidade de Brasília, pôde-se atestar que no período de 1990 a 2004, 72,7% de todas as obras publicadas pelas principais editoras do país eram de autores homens.

São incontáveis as mulheres que deveriam se destacar no campo da sexta arte, porém são escassos os nomes que são mencionados ou valorizados, invisibilizando outras tantas competentes escritoras ao longo da história. Dessa forma, faz-se urgente a ampliação da produção de pesquisas com foco na escrita de autoria feminina, resgatando a importância de todas aquelas que anteriormente tiveram seu alcance diminuído e sua história silenciada. Para além da motivação básica da necessidade de valorização das mulheres escritoras, trouxe essa reflexão motivada também pela própria autora Helena Parente Cunha. Ao longo da minha trajetória de leituras de suas obras, em meio a pesquisas e diálogos com diferentes profissionais da área de Letras, percebi que ela é muito conhecida por seu trabalho dentro da UFRJ e por seus importantes trabalhos a respeito de teoria e crítica literária, no entanto, ninguém conhecia a Helena escritora de ficção, a Helena romancista, contista e poetisa. A partir daí vi a grande deficiência de divulgação das letras de autoria feminina.

Ao pensar no apagamento das mulheres na literatura, Constância Lima Duarte, em seu artigo *O Cânone e a autoria feminina* (1997), discute a relação de poderes entre os gêneros, em que os homens a tudo tentam controlar em uma sociedade. Após realizar múltiplos relatos do passado, em que mulheres eram desrespeitadas por todos e deslegitimadas como escritoras, seja pela família ou pelas editoras, Duarte (1997) afirma que a sociedade recusava-se a aceitar a concorrência feminina em qualquer de seus âmbitos e complementa: “As relações

entre os sexos eram, antes de tudo e sem sombra de dúvida, relações de poder, e marcaram de forma inequívoca a história social e cultural de um povo, como bem se pode constatar” (DUARTE, 1997, p.56).

Seguindo com Duarte (1997), ela traz uma observação a respeito de uma sentença que delimita o papel da mulher e que se relaciona com as mulheres nas letras: “A frase: ‘mães, sua maior obra são seus filhos!’, pretendia ser definitiva; e o apelo aí contido, forte o bastante para incentivar nas mulheres a renúncia de vaidades pessoais e o abandono de qualquer pretensão intelectual, que comprometesse a perpetuação da espécie”. É possível ver essa relação de papéis determinados na protagonista de *Mulher no espelho* (1985), na primeira parte da obra, em que a Mulher no espelho era apenas a representação de **mãe** e **esposa**, dedicando inteiramente sua energia e seus dias a essa tarefa, o que se relaciona com a fala de Duarte (1997): a “maior obra de sua vida” era seus filhos. Porém, na segunda parte, após a virada estrutural da narrativa-espelho, a Mulher no espelho deixa de se preocupar com seus filhos e, não havendo mais um marido em seu caminho, ela se revela uma grande escritora, obtendo sucesso nos meios literários e rompendo com os desígnios masculinos que desejavam vê-la longe de um sucesso profissional. Posteriormente, na narrativa, a “perpetuação da espécie” acaba sendo comprometida com a morte do filho caçula e, de modo algum, a tragédia é associada a um descaso da mulher enquanto mãe, por estar sendo bem-sucedida. Pensar dessa forma seria a defesa da concepção opressora masculina, pois, afinal, esse filho já era um homem adulto. Se houver uma reflexão sobre responsabilidades, houve uma abismal ausência da figura paterna durante toda a criação desses filhos. Faz-se pertinente observar que o compromisso paterno é completamente ignorado na frase de senso comum criticada por Duarte (1997): os filhos são obras **da mãe**, em nenhum aspecto trata-se do pai.

Esse jogo de visibilidade, responsabilidades, direitos e liberdades carrega consigo uma problemática a qual Rosiska Darcy de Oliveira (2012) chama de “a armadilha da igualdade”. As mulheres, ao longo do século XX, foram conquistando seus direitos e muitos deles encaminhando-as a um nível muito próximo dos homens, em diferentes aspectos sociais, porém, como Oliveira apresenta (2012, p.71):

Contrariando as leis da psicologia social, segundo a qual nenhum papel pode ser representado em solo, que insiste na interação dos papéis sociais,

um dependente do outro, que prevê que, se um papel muda, muda o outro que depende dele para se definir, contrariando tudo isso, o papel feminino mudou sem que o papel masculino fosse fundamentalmente tocado.

Desse modo, a igualdade na qual a mulher vive não é uma igualdade plena, na medida em que não foi alcançada a libertação da mulher enquanto indivíduo independente da aprovação ou do olhar masculino. Enquanto as mulheres mudaram, os homens, em geral, não sentiram a necessidade de acompanhar a transformação. O homem é como um não-espelho da mulher. Na obra temos um reflexo dessa desigualdade entre os gêneros, quando a Mulher no espelho, mesmo sendo livre de seu marido, na segunda parte da obra, acaba por carregar o peso da morte de seu filho sozinha, e mesmo antes disso, todos os erros referentes aos filhos já recaíam sobre ela. Do marido não temos mais notícias, nada afeta sua vida, porém, durante a convivência familiar, ele sempre foi feliz vivendo ao seu modo, enquanto ela era subjugada. Nesse sentido, completo ainda com Oliveira (2012, p.64) a respeito da liberdade feminina: “[...] o acesso às funções masculinas não basta para assentar a igualdade, e que a igualdade, compreendida como reintegração unilateral no mundo dos homens, não é a liberdade”.

Ainda há muito que ser feito na luta pela igualdade entre gêneros, no que diz respeito à valorização da mulher enquanto ser individual e como profissional produtora de literatura. A partir desse movimento de reconhecimento da relevância da literatura de autoria feminina, acredito ser necessário não apenas ampliar os estudos na área, mas também expandir os espaços onde essas autoras possam divulgar seus trabalhos dentro das próprias universidades. Os estudantes devem ser instigados a lerem mulheres e não apenas as mais conhecidas, devemos trazer também à luz da Academia os nomes de menor ou nenhum prestígio. Conjuntamente à universidade, as vozes femininas precisam ecoar para dentro das escolas, sejam elas públicas ou privadas, e os professores precisam se apropriar das extensas listas de extraordinárias escritoras, brasileiras e estrangeiras, para assim poder indicar aos seus alunos e, a partir daí a literatura de autoria feminina poderá tomar o seu local de direito em meio aos tantos autores homens canonizados.

Concluo este capítulo com mais um excerto de ideias de Duarte (1997), que vêm totalmente ao encontro às minhas próprias:

Temos consciência de que um enorme esforço analítico e interpretativo é necessário para reconstruir esta história, pois se as mulheres eram consideradas seres de segunda classe, na maioria das vezes isso estava tão introjetado que elas mesmas se viam como tais. Daí ser preciso um olhar extremamente atento e sensível para se reconstruir a história literária da mulher a partir das páginas da história escrita pelo homem e detectar as nuances da tradição literária das mulheres: o percurso, as dificuldades, os temores e as estratégias para romper o confinamento em que vivem e, ao mesmo tempo, promover a revalorização da literatura que no passado não recebeu atenção adequada e dos momentos históricos que testemunharam o incremento dessa produção (DUARTE, 1997, p.60).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A poesia está guardada nas palavras
é tudo que
eu sei.*

Meu fado é o de não saber quase tudo.

Sobre o nada eu tenho profundidades.

Não tenho conexões com a realidade.

Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.

*Para mim poderoso é aquele que descobre as
insignificâncias (do mundo e das nossas).*

Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.

Fiquei emocionado e chorei.

Sou fraco para elogios.

(Manoel de Barros)

A escrita deste trabalho foi em sua totalidade um prazer absoluto, não digo assim, que foi fácil, pois toda redação traz em sua ação uma certa carga de sofrimento. A escrita e a reescrita provêm do campo das ideias, este que nem sempre é muito claro em uma primeira visita. Entretanto, a cada leitura da obra, alguns dos tantos mistérios guardados eram desvendados, as conexões estabelecidas a cada momento descortinavam novas possibilidades nesta obra tão múltipla. Tenho a convicção de que muitas outras alternativas de leitura ainda estão por ser descobertas, não tenho a pretensão de encerrar as interpretações neste trabalho. Para mim, este foi apenas o início de um estudo que pode ser ampliado.

A partir da pesquisa e análises desenvolvidas, foi possível verificar que a obra literária *Mulher no espelho* é um espelho em sua própria forma de organização e ocorrência dos fatos, uma vez que, ao longo da narrativa os papéis femininos invertem-se, realocando perfeitamente as características de uma das personagens sobre a outra. Fica evidenciada a clara existência do duplo feminino, através do qual diferentes conflitos são gerados, ao mesmo tempo em que são abertos os caminhos para reflexão de tais problemas e são traçados rumos para mudanças.

Por entre os espelhos ocorrem diferentes aberturas da obra: novas direções são encontradas em meio a desordem, há a descoberta da identidade feminina da protagonista -longe dos ataques masculinos- e por fim, há o encontro das duas

personagens desse duplo, desvendando o maior mistério que permeia a existência dessas mulheres, elas que tanto sabem uma da outra.

Antes, referi-me aos momentos de sofrimento durante o processo de escrita, mas não posso esquecer-me também de tantos excertos em que padeci durante a leitura por saber que nem tudo o que era lido se resumia à ficção. Impossível ler a respeito da opressão e da violência sofridas pelas mulheres que viveram antes de mim, e não sentir dor. Sei bem que Helena, sendo uma escritora desafiadora, que fala de temas ousados para a época e transita em sua narrativa através de aromas, cores e interpelações instigantes, provoca tais sensações por colocar o leitor em contato com suas palavras minuciosamente bem escolhidas. Cada linha, de cada personagem, nos toca ou nos choca, de acordo com seu desejo. A literatura possui esse poder. No entanto, a relação da ficção com a realidade brasileira contemporânea é que causa o maior impacto da verdade. Neste momento, enquanto eu escrevo, há mulheres sendo invisibilizadas, oprimidas, violentadas. Todas nós somos, em diferentes extensões e, a escrita de Helena, assim como a minha, não tem o poder de mudar o mundo, mas a partir dela podemos alcançar um maior número de pessoas que, através das nossas palavras, saberão o que se passa em nossas vivências, já que incrivelmente, a sociedade na qual nos encontramos, ainda consegue silenciar as vozes femininas e suas diferentes realidades. É de meu conhecimento a existência das variadas formas de lidar com as questões relacionadas às mulheres, pois há diferentes feminismos e também diferentes vivências como mulher. Assim, concluo com as palavras da escritora mineira Conceição Evaristo (2007, s/p), que possui uma infinidade de experiências diferenciadas de Helena Parente Cunha, no que se trata da realidade social, mas, como a autora baiana, aborda em sua escrita temas sociais que não são facilmente acessados e cuja difusão não é do interesse dos grandes grupos detentores de poder no país, o que torna urgente o enfrentamento de tal situação de acomodamento: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994, v. 2.

BORGES, Maria Luiza X. de A; MACHADO, Ana Maria. *Contos de fadas*: de Perrault, Grimm, Andersen & outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BUARQUE, Chico. *Ela desatinou*. São Paulo: Editora Musical Arlequim, 1968.

CARROL, Lewis. Through the looking-glass & what Alice found there. In: *The complete illustrated Lewis Carrol*. Hertfordshire: Wordsworth Editions Limited, 2008.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

CRIXEL, Bruna Marques. *Conceito de Paranoia*. 2013. Disponível em: https://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php?title=Conceito_de_paran%C3%B3ia. Acesso em: 10 Jun. 2017.

CRUZ, Livia. et al. *Efeito borboleta*. São Paulo: Casa1, 2017.

CUNHA, Helena Parente. A Mulher Partida: A Busca do Verdadeiro Rosto na Miragem dos Espelhos. In: SHARPE, Peggy. (org). *Entre resistir e identificar-se*: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Ed.Mulheres: Goiânia: Editorada UFG, p.107-137,1997.

_____. *Mulher no Espelho*. São Paulo: Art Ed., 1985.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Revista Iberic@l* Paris, n. 2, outono de 2012. Disponível em: <http://iberical.paris-sorbonne.fr/numeros/numero-2-automne-2012/>. Acesso em: 26 Mar. 2017.

D'ANGELO, Helô. *10 Selfies que deram muito errado*. Super Interessante. Disponível em: <http://super.abril.com.br/comportamento/10-selfies-que-deram-muito-errado/>. Acesso em: 09 Mai. 2017.

DISNEY, Walt. *Branca de Neve e os sete anões*. [Filme-vídeo] Realizado por: David Hand. Produzido por: Walt Disney. Estados Unidos: Disney. 1937.

DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, Terezinha. (Org.). *Mulheres e literatura*: (trans) formando identidades. Porto Ale Palloti, 1997.

ENOCH, Jay M. History of Mirrors Dating Back 8000 Years. In: *Optometry and Vision Science*, Orlando, Vol. 83, No. 10, October, 2006.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.)

Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

FREUD, Sigmund. O Estranho. *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1974.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Ditos e Escritos III).

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. *Mitos e lendas*. Disponível em: <http://www.inpe.br/webelat/homepage/menu/el.atm/mitos.php> Acesso em: 24 maio 2017.

LENHARO, Mariana. *Cai número de plásticas no Brasil, mas país ainda é 2º no ranking, diz estudo*. G1 Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2016/08/cai-numero-de-plasticas-no-brasil-mas-pais-ainda-e-2-no-ranking-diz-estudo.html>. Acesso em: 30 jun 2017.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PEDROSSIAN, Dulce R. dos Santos. O mecanismo da identificação: uma análise a partir da teoria freudiana e da teoria crítica da sociedade. *Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG*, 33 (2): 417-442, jul./dez. 2008

RANK, Otto. *O duplo*. Rio de Janeiro: Cooperativa, 1939.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. [apresentação e tradução de José Thomaz Brum]. – 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SILVA, Gilson Antunes da. Cercos, Muros, Desencontros e Outras Barreiras: Emparedamento do Sujeito em *Corpo no Cerco*, de Helena Parente Cunha. *Revista Inventário* – 12ª ed. – Jan-Julho. 2013 Disponível em: www.inventario.ufba.br Acesso em: 16 Mar. 2017.

TELLES, Lygia Fagundes. Entrevista concedida ao programa *Roda Viva*. Rio de Janeiro: TVE, 1996.

XAVIER, Elódia. Tornar-se mulher: um árduo aprendizado. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (org). *Mulheres e literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Ed. Pallotti, 1997.